

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e  
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a  
agricultura**

**Área Temática: Segurança Alimentar e Nutricional**

**Período de Análise: 01/08/2012 a 31/08/2012**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal Folha de São Paulo  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT

## **Índice**

Crescimento do uso de agrotóxicos está ligado às sementes transgênicas, diz pesquisador. José Coutinho Júnior – Site do MST. 01/08/2012 .....	5
Monsanto pode ter que pagar U\$\$ 7,5 bi a 5 milhões de agricultores brasileiros. Carmelo Ruiz Marrero – Site do MST. 02/08/2012.....	7
Basf inaugura centro de pesquisa. Gerson Freitas Jr. – Valor Econômico. 02/08/2012 ...	9
MDS investe R\$ 32,4 milhões na agricultura familiar. Neila Baldi – Site do MDS. 03/08/2012.....	9
Monsanto ganha US\$ 1 bi em julgamento – Folha de São Paulo, Mercado. 03/08/2012 .....	11
Monsanto vence disputa e DuPont é condenada a pagar US\$ 1 bi. Gerson Freitas Jr. – Valor Econômico. 03/08/2012 .....	11
Resposta à fome do mundo. Josué Gomes da Silva – Folha de São Paulo, Opinião. 05/08/2012.....	12
Ministro quer reorganizar sistema de distribuição de alimentos da Conab – Site do MAPA. 06/08/2012 .....	13
Mapa discutirá uso adequado de agrotóxicos no Brasil. Carlos Mota – Site do MAPA. 07/08/2012.....	14
Delegação mexicana conhece o PAA. Neila Baldi – Site do MDS. 07/08/2012.....	15
Bahia e 'Mapito' puxam consumo de fertilizante. Carine Ferreira – Valor Econômico. 07/08/2012.....	15
MDS investe R\$ 12,3 milhões em equipamentos de segurança alimentar e nutricional. Fernanda Souza – Site do MDS. 08/08/2012 .....	17
Pernambuco oficializa adesão ao novo modelo do PAA. Valéria Feitoza – Site do MDS. 09/08/2012.....	17
Choque de alimentos. Celso Ming - O Estado de São Paulo, Economia. 09/08/2012 ...	18
Commodities agropecuárias ficam 10,4% mais caras. Mônica Izaguirre – Valor Econômico. 09/08/2012 .....	19
Clima eleva preço global de alimentos em 6%. Andrei Netto – O Estado de São Paulo, Economia. 10/08/2012 .....	20
Clima ressuscita risco de inflação global de alimentos. Liam Plevén – Valor Econômico. 10/08/2012.....	22
O Brasil e a seca nos EUA – O Estado de São Paulo, Editorial. 12/08/2012.....	23
Agora, tudo tem de dar muito certo para ficar apenas ruim. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Mercado. 12/08/2012.....	24
Mapa e Embrapa desenvolvem variedades transgênicas resistentes à seca, Vera Stumm – Site do MAPA. 13/08/2012 .....	26
Frente da Agroecologia vai estimular debate sobre alimentação saudável – Site do MAPA. 14/08/2012 .....	26
G-20 avalia alta dos alimentos. Assis Moreira – Valor Econômico. 14/08/2012 .....	27

Alta dos grãos entra na pauta do G-20. Assis Moreira – Valor Econômico. 14/08/2012	27
Planejamento e PAA são temas do segundo dia do evento da Conab – Site da CONAB. 14/08/2012.....	29
Alimentos sob pressão. Fabiana Ribeiro e Bruno Rosa – O Globo. 14/08/2012 .....	29
Brasil Foods vai aumentar em até 10% preços de alimentos – O Globo. 15/08/2012....	31
Modelo do agronegócio baseado em commodities gera crise alimentar. Amy Horton* - Site do MST. 17/08/2012 .....	32
Por Monsanto, sojicultores apelam à Casa Civil. Gerson Freitas Jr. – Valor Econômico. 17/08/2012.....	33
Leonardo Sakamoto: Os alimentos que estão em risco de extinção no Brasil. Leonardo Sakamoto – Site do MST. 20/08/2012 .....	34
Entrega de fertilizantes ao consumidor final aumentou. Leilane Alves Pereira – Site do MAPA. 20/08/2012 .....	36
Campanha combate rotulagem de transgênicos nos EUA. Alan Rappeport e Hal Weitzman – Valor Econômico, Financial Times. 21/08/2012 .....	37
Programa de Aquisição de Alimentos é ampliado. Tarso Veloso – Valor Econômico. 21/08/2012.....	38
Indicadores de pobreza e fome apresentam melhora – Valor Econômico. 21/08/2012..	39
Tecnologias sociais do país atraem estrangeiros. Gisele Paulino – Valor Econômico. 21/08/2012.....	40
Basf investirá € 500 milhões no Brasil em cinco anos. Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico. 22/08/2012 .....	41
Lei restringe produtor de Minas Gerais – Valor Econômico. 23/08/2012 .....	43
DuPont coloca fichas no Brasil para crescer. Gerson Freitas Jr. – Valor Econômico. 23/08/2012.....	43
Petrobras vai reavaliar projetos de duas fábricas de fertilizantes – Folha de São Paulo, Mercado. 23/08/2012 .....	44
Renda estimula demanda por fertilizantes especiais. Carine Ferreira – Valor Econômico. 24/08/2012.....	45
Caisan debate com estados segurança alimentar e nutricional – Site do MDS. 24/08/2012.....	47
Momentos. Roberto Rodrigues – Folha de São Paulo. 25/08/2012.....	47
Seca nos Estados Unidos pode deixar comida mais cara – Site da CNA. 27/08/2012...	48
A perda de alimentos amplia o "Custo Brasil". Adalberto Luis Val – Valor Econômico. 27/08/2012.....	50
Estrangeiros conhecem sistema de segurança alimentar e nutricional do Brasil – Site do MDS. 28/08/2012.....	51
Aportes em fertilizantes deverão somar US\$ 18,9 bi até 2017. Carine Ferreira – Valor Econômico. 28/08/2012 .....	52
Preços globais dos alimentos avançam 10% em julho e devem seguir em alta – Site da CNA. 31/08/2012.....	53

Ministério Público investiga uso excessivo de agrotóxico em Mato Grosso – Site do MST. 31/08/2012 .....	54
Agrotóxicos contaminam rios do Pantanal e agride biodiversidade – Site do MST. 31/08/2012.....	55
Preços globais sobem 10%, diz Banco Mundial – Folha de São Paulo, Mercado. 31/08/2012.....	55
Horta comunitária promove inclusão social de beneficiários do Bolsa Família. André Luiz Gomes – Site do MDS. 31/08/2012 .....	56
As multinacionais e suas responsabilidades na crise alimentar. Silvia Ribeiro – Site do MST. 29/08/2012 .....	57
Pepe Vargas destaca Mais Alimentos como indutor do desenvolvimento no campo – Site do MDA. 29/08/2012 .....	58
Governo africano busca know how brasileiro em abastecimento – Site da CONAB. 30/08/2012.....	59

## **Crescimento do uso de agrotóxicos está ligado às sementes transgênicas, diz pesquisador. José Coutinho Júnior – Site do MST. 01/08/2012**

A publicidade empregada pelas empresas do agronegócio em relação as suas sementes transgênicas, sempre foram sustentadas numa suposta diminuição do uso dos agrotóxicos sobre as lavouras brasileiras a partir dessa tecnologia.

Entretanto, como era de se esperar – uma vez que as mesmas empresas produtoras das sementes geneticamente modificadas são as mesmas produtoras dos venenos agrícolas -, ao mesmo tempo em que houve um boom da utilização das sementes transgênicas na agricultura brasileira, houve, em contrapartida, um vertiginoso aumento da quantidade de agrotóxicos utilizados para essa produção, sem que a área cultivada crescesse a ponto de justificar esse descompasso.

Em entrevista à Página do MST, o engenheiro agrônomo Rubens Nodari\*, comenta os fatores dessa relação e revela a ineficácia dos transgênicos: “O custo da lavoura transgênica na verdade vai ser mais cara do que os agricultores previam a longo prazo, porque eles vão ter que usar outros herbicidas para depois matar essas plantas resistentes.”

\* Rubens Nodari é engenheiro agrônomo, cientista, professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ex-membro da CTN-Bio (Comissão Nacional de Biotecnologia). É considerado um dos maiores especialistas de transgênicos do país.

### **Confira:**

**A área cultivada com grãos no Brasil cresceu menos de 19%, de 68,8 milhões para 81,7 milhões de hectares, mas o consumo médio de agrotóxicos, que era pouco superior a 7 quilos por hectare, em 2005, passou a 10,1 quilos em 2011 - um aumento de 43,2%. O que explica esse aumento do uso de venenos?**

Bom, são dois cenários possíveis. O primeiro é que algumas plantas são mais resistentes aos agrotóxicos. Isso é um fenômeno mundial, não é só no Brasil; nos Estados Unidos a última safra da soja teve uma epidemia de plantas resistentes a herbicidas, principalmente ao glifosato.

No Brasil nós já temos documentado várias plantas que se tornaram resistentes ou estão se tornando resistentes aos agrotóxicos. Então o agricultor, ao invés de usar apenas uma aplicação de agrotóxico, como é o caso da recomendação da empresa quando ela registra seu produto, os agricultores aumentam a dose, o número de aplicações, ou ambas.

Com a introdução da soja transgênica, o número de variedades diminuiu e sempre que tem menor diversidade genética em cultivo, se uma doença ataca uma daquelas variedades, vai atacar numa maior área. Então também são utilizados outros agrotóxicos, como é o caso dos fungicidas, especialmente no caso mais recente da ferrugem asiática.

**A lavoura de soja, sozinha, é responsável por 48% de todos os agrotóxicos vendidos no Brasil. Por quê?**

Porque a soja é a cultura que utiliza a maior área de cultivo no país hoje. Além disso, a maior parte da soja é cultivada em médias ou grandes propriedades nas quais se usa o pacote químico

completo: sementes transgênicas, inseticidas, herbicidas e fungicidas, pois a soja é uma leguminosa muito vulnerável a doenças e pragas.

### **O que faz com que as plantas se tornem resistentes ao uso de agrotóxicos?**

Ocorre que existe variabilidade genética nas plantas chamadas impropriamente de “daninhas” à lavoura, que vivem na área de cultivo e teriam de morrer com a aplicação dos venenos.

Algumas plantas, por serem mais resistentes, não morrem e vão deixando sementes. Depois de um tempo existe uma grande quantidade de plantas resistentes aos venenos. Essa resistência chega num ponto em que as plantas continuam vivas, mesmo que se aplique o mesmo veneno mais vezes ou aumente a quantidade de princípio ativo na área.

### **O que faz a soja transgênica mais cara?**

Bom, em primeiro lugar você tem o custo da semente. A transgênica é muito mais cara do que a convencional, porque há uma patente associada à venda dessa soja transgênica. Essa patente dá o direito à empresa que tem a semente de cobrar royalties, o que eleva o preço da semente transgênica.

Em segundo lugar, se existe uma área em que ocorre manejo e rotação de cultivo, é preciso de pouco herbicida para controlar as plantas “daninhas” que aparecem na área.

Enquanto quem usa o transgênico acaba utilizando mais herbicida, muitas vezes aplicando preventivamente ou até várias vezes o veneno. Há também relatos na literatura científica de que plantas transgênicas são mais suscetíveis a ataques, então a intensidade do ataque e do fator doença é maior na soja transgênica, o que leva à aplicação de outros agrotóxicos, como os fungicidas.

### **Países europeus e asiáticos compram do Brasil, em média, 5 milhões de toneladas do grão e 6,5 milhões de toneladas de farelo de soja convencional. Se há mercado para a soja convencional, por que a soja transgênica é predominante?**

Foram feitos alguns estudos de pesquisa entre agricultores e ela predomina pela facilidade do manejo, ou seja, para uma grande propriedade, os fazendeiros acham que é melhor ter menos funcionários, pois isso diminuiria o custo de produção.

Nesse sentido a soja transgênica facilita, pois com poucas pessoas é possível plantar, e muitas vezes o mesmo funcionário que maneja a semeadeira, depois maneja o pulverizador, que aplica o glifosato.

É isso que atrai na soja transgênica: mesmo pagando um pouco mais, os agricultores acreditam que facilita o manejo, então eles pagam o preço por essa maior facilidade.

Mas essa facilidade é de curto prazo, porque no longo prazo esse modo de cultivo vai criando plantas resistentes, que vão demandar o uso de outros herbicidas. O custo da lavoura transgênica na verdade vai ser mais cara do que os agricultores previam a longo prazo, porque eles vão ter que usar outros herbicidas pra depois matar essas plantas resistentes.

### **Os critérios que consideram uma lavoura de soja natural são muito rígidos. É fácil uma safra convencional de soja ser contaminada por uma transgênica?**

Isso vai depender do manejo e do isolamento das lavouras dos agricultores. Por exemplo, o pólen da soja transgênica não vai longe, ele vai até uns 10 metros, entretanto uma semente de soja transgênica ou um grão podem ir a centenas de metros ou quilômetros, porque ele pode ser levado por animais a longas distâncias.

Se um agricultor usa só semente orgânica, por garantia, ele teria que ter uma distância bem maior, eu recomendaria pelo menos mais de 100m de isolamento para evitar a contaminação.

E também esse agricultor não deve usar equipamentos de outros agricultores, ele tem que ter seu próprio equipamento, porque se alguém usa uma máquina de colher soja transgênica antes de colher uma lavoura de soja orgânica, aí vai dar mistura de sementes. O mesmo vale para caminhões que transportam, os silos, ou seja, tudo que facilita a mistura da semente pode causar contaminação.

### **Existe alguma área na qual haja essa distância de 100 metros?**

Não, isso é recomendação minha. Normalmente é recomendado 10, 20 metros. Eu acho muito pouco, porque sempre tem uma ave, um animal que carrega semente pra cá e pra lá... a não ser que o vizinho também plante orgânica, aí tudo bem.

---

### **Monsanto pode ter que pagar U\$\$ 7,5 bi a 5 milhões de agricultores brasileiros. Carmelo Ruiz Marrero – Site do MST. 02/08/2012**

A companhia de biotecnologia estadunidense Monsanto, maior empresa de sementes do mundo, pode acabar tendo que pagar 7,5 bilhões de dólares a cinco milhões de plantadores de soja brasileiros, que processam a empresa pela cobrança de royalties.

A Monsanto, uma das corporações mais detestadas do mundo, tornou-se aos olhos de muitos o símbolo mais facilmente reconhecido de controle corporativo sobre os alimentos e a agricultura. Suas táticas duras para cobrar royalties de agricultores pelas suas sementes patenteadas foram documentadas nos filmes “Food Inc” e “El Mundo Según Monsanto”. Esta corporação, tão acostumada a processar e intimidar agricultores, vive uma situação contrária no Brasil, onde agora é processada por agricultores.

O Brasil é o segundo maior produtor de cultivos transgênicos ou geneticamente modificados (GM) no mundo, superado somente pelos Estados Unidos. A vasta maioria deste cultivo consiste em soja, que tem sido alterada geneticamente pela Monsanto para resistir ao herbicida Roundup, produto da mesma companhia.

O Brasil exporta a maior parte de sua colheita de soja para Europa e China, que a utilizam para produzir biodiesel ou como alimento para gado. Estima-se que 85% da soja brasileira sejam geneticamente modificados. Não se sabe a proporção exata, porque a soja da Monsanto foi contrabandeada da Argentina a partir de 1998. Em 2005, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, para fazer frente a uma situação de fatos consumados, legalizou o cultivo de soja GM no país.

Uma vez legalizada, a Monsanto começou a cobrar dos agricultores brasileiros um imposto de 2% por sua produção de soja GM. A companhia também comercializa soja não modificada geneticamente e requer aos agricultores que mantenham ambas as variedades estritamente

separadas. Caso seja encontrada soja transgênica em carregamento de soja que se supõe não modificada, o agricultor é penalizado com uma cobrança de 3%.

Em 2009, um grupo de sindicatos rurais do Rio Grande do Sul processou a Monsanto, denunciando que a soja GM e a soja não GM são praticamente impossíveis de se separar e que, portanto, o “imposto Monsanto” é injusto.

Esta alegação contradiz diretamente um dos principais meios de propaganda da indústria da biotecnologia: de que as sementes e plantas transgênicas nunca aparecem onde não deveriam estar. Esta ocorrência, conhecida como contaminação genética, é negada pelas companhias. Quando isto ocorre, eles negam, mas quando a evidência é demasiadamente contundente para negá-la, a companhia minimiza a importância ou coloca a culpa no agricultor.

“O problema é que separar a soja GM da soja convencional é difícil, dado que a soja GM é altamente contaminante”, declarou João Batista da Silveira, presidente do Sindicato Rural de Passo Fundo (RS), um dos principais denunciadores do caso.

No último mês de abril, um juiz do Rio Grande do Sul determinou que são ilegais as cobranças da Monsanto e notou que a patente da semente de soja GM da companhia estava expirada no país. O juiz também ordenou que a empresa deixe de cobrar royalties e também devolva todos os royalties cobrados desde 2004 - estamos falando de 2 bilhões de dólares.

A Monsanto está apelando da decisão, mas recebeu outro golpe no dia 12 de junho, quando o Supremo Tribunal Federal determinou de forma unânime que a decisão do judiciário do Rio Grande do Sul seja abrangente ao país inteiro. Isso aumenta o montante envolvido para 7,5 bilhões de dólares. Agora, os agricultores que processam a Monsanto são cinco milhões.

Em uma declaração concisa, a Monsanto declarou que seguirá cobrando os royalties dos agricultores brasileiros até que o caso se resolva em definitivo.

Em 2008, a revista científica *Chemical Research in Toxicology* publicou um estudo do cientista francês Gilles-Eric Seralini, especialista em biologia molecular e professor da Universidade de Caen, que indica que o Roundup é letal para células humanas. Conforme sua investigação, doses muito menores que as utilizadas em cultivos de soja provocam morte celular no solo em poucas horas.

Em 2010, a mesma revista publicou um estudo revisado pelos parceiros do embriólogo argentino Andrés Carrasco, principal pesquisador do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (Conicet) e diretor do Laboratório de Embriologia Molecular da Universidade de Buenos Aires, que mostrou que o glifosato, ingrediente ativo do Roundup, é extremamente tóxico a embriões de anfíbios mesmo em doses até 1.540 vezes menores que as utilizadas nas fumigações agrícolas.

---



**Basf inaugura centro de pesquisa. Gerson Freitas Jr. – Valor Econômico.  
02/08/2012**

"O espectro de pragas de solo no Brasil é amplo e dinâmico. É preciso respostas rápidas às demandas", afirma Leduc

De olho em um segmento em forte expansão no país, a Basf inaugura hoje um novo centro de tecnologia em defensivos para o tratamento de sementes. O complexo, localizado na estação experimental de Santo Antônio de Posse (SP), consumiu US\$ 2,5 milhões (cerca de R\$ 5 milhões).

Segundo o vice-presidente de Proteção de Cultivos para a América Latina, Eduardo Leduc, o equipamento vai permitir que a multinacional alemã acelere o desenvolvimento de formulações e tecnologias de aplicação adaptadas às características da agricultura no Brasil. O objetivo é desenvolver novos produtos para cultivos como soja, milho, algodão, feijão, trigo e cevada.

"O espectro de pragas de solo no Brasil é amplo e dinâmico. Então, precisamos ser capazes de dar respostas rápidas às demandas que surgem. Não dá para esperar por soluções desenvolvidas em outros lugares", explica o executivo. Apesar disso, a pesquisa e desenvolvimento de novas moléculas (o princípio ativo dos defensivos) continuam a ser realizados nos laboratórios da companhia no exterior.

Leduc estima que o mercado brasileiro de agroquímicos para sementes tenha movimentado cerca US\$ 500 milhões na safra 2011/12, encerrada em junho. Na temporada anterior, as vendas somaram US\$ 400 milhões.

O executivo afirma que a Basf é líder isolada nesse segmento, mas não revela a participação da companhia nesse mercado. A múlti também não diz quanto essas vendas representam em sua receita total, embora Leduc garanta que seja um número "expressivo".

Segundo ele, as vendas de agroquímicos para esse fim específico têm crescido em resposta ao desenvolvimento do mercado brasileiro de sementes nos últimos anos. "Com o advento da transgenia e a maior intensidade tecnológica, as sementes tornam-se um insumo cada vez mais caro, um investimento maior. Por isso, o produtor está cada vez mais preocupado em proteger esse investimento das pragas de solo", afirma.

As pragas de solo podem comprometer a germinação e o desenvolvimento saudável das sementes, com consequências sobre a produtividade das lavouras.

A Basf é uma das líderes no mercado brasileiro de defensivos, que movimentou US\$ 8,5 bilhões em 2011. A empresa não releva seu faturamento no país.

---

**MDS investe R\$ 32,4 milhões na agricultura familiar. Neila Baldi – Site do MDS.  
03/08/2012**

*Edital selecionou 72 municípios de todas as regiões do país para implantar unidades de apoio à distribuição de alimentos*

Brasília, 3 – Agricultores familiares de 72 cidades (ver lista ao final da matéria) vão ganhar mais um auxílio na distribuição de seus produtos. O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) está investindo R\$ 32,4 milhões para implantar unidades de apoio à distribuição de alimentos da agricultura familiar em municípios dos Territórios da Cidadania que participam do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Essas regiões têm baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e alta vulnerabilidade social.

O resultado final do edital nº 03/2012 foi publicado nesta sexta-feira (3) no Diário Oficial da União. Cada município vai receber R\$ 450 mil, que poderão ser usados para financiar os projetos de arquitetura e engenharia, a execução física das obras e a aquisição de veículos, equipamentos, materiais permanentes e de consumo novos. As prefeituras selecionadas precisam dar uma contrapartida financeira que varia de 1% a 3%, dependendo do número de habitantes e da localização.

Das 72 propostas selecionadas, 42 são destinadas à instalação da primeira unidade de apoio. Do total, a maior parte está no Nordeste (40,3%), seguida do Sudeste (22,2%), Sul (16,7%), Norte (11,1%) e Centro-Oeste (9,7%).

Comercialização direta – As Unidades de Apoio à Distribuição de Alimentos da Agricultura Familiar são espaços físicos estruturados e equipados para ajudar na distribuição dos gêneros alimentícios oriundos da agricultura familiar, principalmente aqueles que são comprados por meio do PAA e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae).

Essas unidades também apoiam a comercialização direta da produção da agricultura familiar nos mercados locais e regionais, em projetos de inclusão social e produtiva, e o fortalecimento de sistemas agroalimentares de base agroecológica e solidária.

Esse é o segundo edital do MDS para implantação das unidades de apoio à distribuição. Em 2011 foram destinados R\$ 11,7 milhões para implantação de 26 unidades em 13 estados, que devem estar operando até 2014. As propostas contempladas no ano passado estavam localizadas em 24 Territórios da Cidadania.

O atual processo abrange 55 Territórios da Cidadania – dos quais 13 receberão duas unidades. Com os dois editais, o MDS investiu R\$ 44,1 milhões e atendeu a 66 dos 120 Territórios da Cidadania existentes.

#### Municípios selecionados

Alagoas: Água Branca, Arapiraca, Ibataguara, Maragogi e Palmeira dos Índios

Amapá: Laranjal do Jari

Bahia: Ibotirama e Uibaí

Ceará: Barbalha, Caridade, Pentecoste, Piquet Carneiro, Quixeramobim e Sobral

Espírito Santo: Alegre, Jerônimo Monteiro e Pedro Canário

Goiás: Alto Paraíso de Goiás

Maranhão: Arari, Codó e Lago do Junco

Minas Gerais: Buritis, Capelinha, Caraí, Gameleiras, Itambacuri, Monte Azul e Unaí

Mato Grosso: Campo Verde

Mato Grosso do Sul: Anastácio, Dourados, Jateí, Novo Horizonte do Sul e Sidrolândia

Pará: Abaetetuba, Anapu, Igarapé-Mirim, Irituia, Palestina do Pará, Santarém e São João do

Araguaia

Paraíba: Cacimba de Dentro, Campina Grande, Monteiro e Patos

Pernambuco: Ipubi, Itapetim, Lagoa Grande e Petrolina

Piauí: Teresina

Paraná: Cerro Azul, Iretama, Jacarezinho, Nova Laranjeiras e Pitanga

Rio de Janeiro: Campos dos Goytacazes

Rio Grande do Norte: Parelhas e São Paulo do Potengi

Rio Grande do Sul: Candiota, Constantina, Santa Maria e Santa Vitória do Palmar

Santa Catarina: Canoinhas, Rio Negrinho e São Domingos

Sergipe: Poço Verde e Ribeirópolis

São Paulo: Iguape, Itaberá, Presidente Epitácio, Presidente Prudente e Sete Barras

---

### **Monsanto ganha US\$ 1 bi em julgamento – Folha de São Paulo, Mercado. 03/08/2012**

O grupo americano de química Monsanto anunciou que obteve US\$ 1 bilhão por danos e prejuízos ao final de um julgamento nos EUA contra sua concorrente DuPont, acusada pela empresa de ter violado sua patente de sementes resistentes ao herbicida RoundUp. A DuPont vai recorrer.

---

### **Monsanto vence disputa e DuPont é condenada a pagar US\$ 1 bi. Gerson Freitas Jr. – Valor Econômico. 03/08/2012**

A Monsanto saiu vitoriosa do processo em que acusava sua maior rival no mercado de sementes, a também americana DuPont, de infringir a patente da soja transgênica Roundup Ready (RR).

Após três semanas de julgamento em uma corte federal em St. Louis, no Missouri - onde está localizado o quartel general da Monsanto - o júri condenou a DuPont a pagar uma indenização de US\$ 1 bilhão. A sentença foi proferida na quarta-feira à noite.

Trata-se da quarta maior indenização da história dos Estados Unidos em um julgamento de patentes, segundo a agência Bloomberg. Foi, ainda, a sexta vitória da Monsanto contra a competidora nos tribunais.

A DuPont já anunciou que vai apelar da decisão e espera reverter o resultado. "Houve uma série de erros fundamentais no caso, que privaram o júri de fatos importantes e argumentos e levaram a esse resultado decepcionante", declarou, em nota.

O tribunal entendeu que a unidade de sementes da DuPont, a Pioneer, deliberadamente infringiu a patente da Monsanto durante as pesquisas para o desenvolvimento de uma nova soja transgênica, batizada de Optimum GAT - um produto geneticamente modificado para resistir à aplicação de herbicidas, entre os quais o glifosato.

O objetivo era competir com a Monsanto no mercado de soja transgênica, amplamente dominado pela empresa de St. Louis. A tecnologia RR - que torna a soja da Monsanto resistente

ao glifosato - está presente em 95% das lavouras dos Estados Unidos e em quase 90% dos plantios no Brasil.

Durante o desenvolvimento do novo produto, no entanto, a DuPont fez experimentos nos quais adicionou o gene da rival na soja Optimum GAT, tendo chegado à conclusão de que o uso combinado das duas tecnologias produzia resultados superiores aos obtidos por cada uma delas isoladamente.

Em 2009, a Monsanto decidiu processar a DuPont, alegando que o acordo de licenciamento que as duas empresas firmaram em 2002 não dava à DuPont o direito de proceder esse tipo de teste.

O projeto Optimum GAT foi abandonado no ano passado, sem que nenhuma semente tenha sido comercializada em todo o mundo. Contudo, a Monsanto alega que a DuPont poderia lançar o novo produto (com os dois genes combinados) após 2014, quando sua patente expira.

A DuPont questiona a validade da patente que protege a soja RR. A companhia alega que, durante o processo de registro, a Monsanto deliberadamente omitiu informações que poderiam ter levado o Escritório de Patentes dos Estados Unidos a bloquear seu pedido. A acusação será julgada em um outro processo, que deve ser julgado em 2013.

---

### **Resposta à fome do mundo. Josué Gomes da Silva – Folha de São Paulo, Opinião. 05/08/2012**

Semana passada, ratifiquei a opinião de Dani Rodrik, professor na Universidade Harvard (EUA) e respeitado economista, quanto às boas perspectivas de o Brasil continuar crescendo, do nosso mercado interno, do equilíbrio das contas públicas e da democracia consolidada. Acrescentei à análise o nosso diferencial competitivo referente à imensa reserva hídrica.

Mas, há outros fatores significativos favoráveis ao país, entre eles, a disponibilidade superior a 300 milhões de hectares de terras agriculturáveis.

São mais de 100 milhões de pastagens, dando sustentabilidade à criação de gado de corte e, parte das quais, se necessário, pode ser adequada à cultura de outros alimentos.

São poucas as nações com áreas disponíveis à agropecuária que não impliquem desmatamento. Somos, de longe, os campeões no quesito, em plenas condições de conciliar produção/segurança alimentar com a preservação ambiental.

Temos clima diversificado, chuvas regulares, energia solar abundante e mais de 12% de toda a água doce do planeta: tudo o que a natureza precisa para fertilizar a terra e prover abundância.

O melhor é que sabemos aproveitar esse potencial, agregando tecnologia de ponta ao agronegócio, onde a Embrapa e outros institutos de pesquisas têm sido fundamentais. Nossa produção de alimentos cresceu 120% nos últimos 15 anos.

Tais números e dados brasileiros são a melhor resposta às inquietações da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) quanto à necessidade de se aumentar em 70% a produção mundial de comida até o ano 2050, quando a população da Terra superará nove bilhões de pessoas.

Os técnicos do organismo multilateral acreditam que 80% dos alimentos necessários ao atendimento dessa grande demanda virão do aumento da produtividade (temos tecnologia para isso!) e 20%, de novas áreas agricultáveis (temos disponibilidade para isso!).

O Brasil é uma ilha de fertilidade, pois há países nos quais já falta espaço para plantar e criar rebanhos e onde a água, elemento essencial à vida, é extremamente escassa e a pouca que se tem disponível está poluída, portanto imprestável.

E somos potência agrícola, ainda que nos falte logística eficiente e competitiva, o que reduz muito a renda do produtor. Mas há obras de infraestrutura em andamento e, quando prontas, irão contribuir muito.

O Brasil tem, portanto, a faca e o queijo (...o leite, a carne, a soja, o café, os grãos, as frutas...) para se tornar a grande referência e protagonista da segurança alimentar.

Não há dúvida de que esse potencial pode ser cada vez mais convertido em vantagem competitiva, crescimento econômico e desenvolvimento.

---

### **Ministro quer reorganizar sistema de distribuição de alimentos da Conab – Site do MAPA. 06/08/2012**

O ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Mendes Ribeiro Filho, participou da abertura do 11º Congresso Brasileiro do Agronegócio: Brasil Alimentos e Energias - Seguranças Globais, nesta segunda-feira, 6 de agosto, no Sheraton São Paulo WTC Hotel, em São Paulo. O evento foi organizado pela Associação Brasileira do Agronegócio (Abag) e tem como objetivo debater a liderança do Brasil nas áreas de produção de alimentos e de energias.

O ministro falou que uma das preocupações da sua gestão é reorganizar o sistema de distribuição de armazenamento de alimentos pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). "O objetivo é evitar que se repitam os problemas verificados este ano na entrega de grãos, especialmente para comunidades e produtores afetados pela seca nas regiões Sul e Nordeste", afirmou. Mendes disse ainda que considera tão importante a atuação da Conab que pretende estudar a possibilidade de transformá-la na Conabrás, para que tenha uma importância maior na distribuição de alimentos no país.

Durante seu discurso, ele também explicou que para atender à população, a produção de alimentos em 2050 terá que passar dos atuais 2 bilhões para 3 bilhões de toneladas de cereais, e avançar de 200 milhões para 470 milhões de toneladas de carne. "A meta do setor agropecuário mundial é alimentar essa crescente população considerando a sustentabilidade ambiental, social e econômica. O Brasil ocupa uma posição de destaque entre os países que podem contribuir para o aumento da oferta global de alimentos e poderá se projetar como grande fornecedor de alimentos", disse.

Mendes ainda ressaltou que a produção de alimentos no Brasil praticamente triplicou nos últimos 20 anos e que o País é um dos principais produtores e exportadores agrícolas mundiais. "A produtividade em grãos cresceu 290%, em 50 anos. No mesmo período, o rebanho de gado cresceu 250%, com o acréscimo em área de apenas 39%. De 1991 a 2012, nossa produção de grãos aumentou 176%, enquanto que a área plantada necessária para suportar essa produção, cresceu apenas 36%. Além disso, usufruímos de terra agricultável, recursos hídricos em

abundância e de uma agricultura moderna, com elevada capacidade produtiva e conseguimos atingir o equilíbrio entre produção, demanda e consumo, adotando práticas sustentáveis”.

Outro tema destacado foi quanto ao programa de agroenergia do Governo Federal, que tem por objetivo fomentar a produção de energia renovável. “A agroenergia é responsável por cerca de 30% da energia ofertada, o que coloca o País na liderança mundial do setor. Se acrescermos a energia hidroelétrica, verificamos que 48% da energia ofertada no Brasil é obtida de fontes renováveis”.

---

## **Mapa discutirá uso adequado de agrotóxicos no Brasil. Carlos Mota – Site do MAPA. 07/08/2012**

*Tema será debatido durante a Agrosul 2012, evento que reúne engenheiros agrônomos da região Sul do país*

Os agrotóxicos e o papel dos engenheiros agrônomos na produção de alimentos seguros e sustentabilidade ambiental serão debatidos durante o Encontro Sul Brasileiro de Engenheiros Agrônomos (Agrosul 2012), que acontece entre os dias 8 e 10 de agosto em Curitiba, no Paraná. O evento é preparatório para o Congresso Brasileiro de Agronomia de 2013.

Entre os temas a serem abordados, estão aspectos como a legislação vigente, o exercício profissional da agronomia e fiscalização e política profissional. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) participa do encontro com representantes das secretarias de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo (SDC) e de Defesa Agropecuária (SDA).

O palestrante da SDA será o fiscal federal agropecuário Julio Britto, que discutirá temas como o uso adequado de defensivos na agricultura brasileira e o controle de produção e exportação desses produtos no Brasil. Outra questão refere-se às dificuldades do registro de agroquímicos para pequenas culturas. “Isso gera problemas de falta de alternativas de produtos para controle de pragas ao setor”, explicou.

### **Saiba mais**

Os herbicidas, inseticidas, fungicidas e outros agroquímicos têm registro exigido pelos ministérios da Agricultura, Meio Ambiente e Saúde e sua recomendação é prerrogativa dos profissionais habilitados. A forma que as recomendações para esses produtos são materializadas é regulamentada por legislação federal e estadual que atrela a comercialização e uso dos agrotóxicos ao receituário agrônomo.

Somente em 2011, o Mapa realizou 1.202 inspeções em produtos e estabelecimentos que fabricam, formulam e manipulam agroquímicos ou que testam a sua eficácia agrônoma. Para este ano, a meta é de 1.482 ações.

### **Serviço**

Data: 8 a 10 de agosto

Horário: 14h

### **Delegação mexicana conhece o PAA. Neila Baldi – Site do MDS. 07/08/2012**

*Representação do governo do país quer entender como a política de segurança alimentar incentiva o desenvolvimento local*

Brasília, 7 – Uma delegação do governo mexicano está esta semana em Brasília para conhecer o Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA) e as ações brasileiras de segurança alimentar que estimulam o desenvolvimento local. Nessa segunda-feira (6), a comitiva esteve no Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e, nos próximos dias, conhece a produção de agricultores familiares atendidos pelo PAA em Brazlândia e Planaltina, no Distrito Federal.

A equipe mexicana é formada por representantes do Sistema Nacional para o Desenvolvimento Integral da Família e pela encarregada de Cooperação Sul-Sul do Programa Mundial de Alimentos (PMA), Maria Pino. A diretora-geral de Alimentação e Desenvolvimento Comunitário do Sistema, Joanna Cristo Aguirre, disse que o programa de segurança alimentar em seu país é descentralizado e não tem obtido êxito no desenvolvimento local. Por isso, eles vieram conhecer como são feitas as compras locais brasileiras e como elas estimulam a economia.

A técnica da Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sesan) do MDS Maria do Socorro Soares de Oliveira apresentou à delegação mexicana o PAA. Quando começou, em 2003, o programa atendia 42 mil agricultores e chegou a 162,5 mil em 2011. Os produtos comprados por meio do PAA beneficiaram 19,7 milhões de famílias no ano passado.

No encontro, os mexicanos se interessaram pela assistência técnica a esses agricultores e a logística de distribuição dos alimentos. Maria do Socorro informou que o MDS se ocupa de ambas as questões e repassa recursos para esses fins. Ela também apresentou as mudanças no programa, entre as quais, estão a adesão – e não mais o conveniamento –, a informatização do sistema e o pagamento direto aos agricultores.

Durante a visita a Brasília, a equipe vai conhecer também o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae). A delegação se reunirá ainda com representantes do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

---

### **Bahia e 'Mapito' puxam consumo de fertilizante. Carine Ferreira – Valor Econômico. 07/08/2012**

*David Roquetti Filho, da Anda, acredita que o aumento do consumo de adubos no 'Mapitoba' continuará nos próximos anos.*

A demanda por fertilizantes da região conhecida no setor de agronegócios como "Mapitoba" (Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia), ou "Matopiba", que ganhou destaque na produção de

grãos sobretudo na última década, cresceu a taxas de dois dígitos nos últimos 22 anos, muito acima da maioria dos demais Estados e regiões agrícolas do país. É o que aponta levantamento do diretor-executivo da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), David Roquetti Filho.

No Brasil, a taxa média anual de crescimento do uso de adubos foi de 8,2% de 1950 a 2011 e de 5,8% entre 1989 e 2011. Nesse período mais recente, o Piauí apresentou taxa de 19% ao ano, o Maranhão de 16,2%, Tocantins de 15% e a Bahia, de 10%. Somente a Bahia registrou crescimento abaixo de Mato Grosso (12%), que é o maior Estado consumidor de fertilizantes do país.

Para situar melhor o tamanho do mercado de adubos do "Mapitoba", alguns Estados importantes na produção agrícola, como Paraná e Rio Grande do Sul, registraram taxas bem menores - 5,7% e 3,9%, respectivamente, de 1989 a 2011. E mesmo São Paulo, segundo colocado no ranking de entregas de fertilizantes no primeiro semestre de 2012, apresentou taxa de aumento de apenas 1,4% nos últimos 22 anos.

Apesar dos elevados índices de crescimento, os Estados da "nova fronteira agrícola", com exceção da Bahia, ainda respondem por uma parcela pequena do consumo nacional desses insumos - embora essa participação tenha aumentado nos últimos anos. Tocantins, por exemplo, figurou com fatia de apenas 0,9% nas entregas de fertilizantes no ano passado.

O volume consumido dos quatro Estados do "Mapitoba" saltou de cerca de 270 mil toneladas, em 1989 (sem considerar o consumo muito pequeno do Tocantins), para 2,957 milhões de toneladas em 2011, ou 10,4% da demanda total de fertilizantes.

Conforme dados do Ministério da Agricultura, o "Mapitoba" produziu 4,5 milhões de toneladas de grãos em 1989, ou 6,2% do total nacional. O volume deverá saltar para 14 milhões de toneladas este ano (8,6% do total), um ganho superior a 200%.

O coordenador da Assessoria de Planejamento Estratégico do Mapa, José Garcia Gasques, acredita que a região vai continuar a apresentar fortes crescimentos e enumera diversos fatores para a expansão, como as terras extensas e planas que facilitam a mecanização e os preços atrativos.

"Os produtores estão contornando problemas de risco climático com tecnologias, como variedades adaptadas", pontua Gasques. A região deve representar este ano cerca de 9% do Valor Bruto da Produção (VBP) das principais lavouras cultivadas no país - que, no total, deverá atingir R\$ 213,48 bilhões, segundo a projeção mais recente do governo.

Roquetti Filho acredita que o crescimento do "Mapitoba" continuará nos próximos anos devido ao grande potencial de áreas agriculturáveis, com destaque para soja, milho algodão e cana. Na região Norte, tradicionalmente a demanda é muito pequena, mas também existe potencial de expansão do uso de adubos, segundo ele, mas alerta que o "potencial real" ainda é o "Mapitoba". "Mas é preciso acompanhar as questões de logística", ressalva.

Os fertilizantes compõem mais de 60% do chamado pacote tecnológico de insumos da atividade. De acordo com dados do IBGE e da Anda, se o Brasil não tivesse aplicado esses insumos desde os anos 1970, quando a produtividade média era de 1,44 tonelada por hectare (na safra 2010/11 foi de 4,24 toneladas por hectare), seriam necessários 150 milhões de hectares



para a produção atual. Assim, pelas contas das instituições, foram "poupados" 88 milhões de hectares no período.

Para 2012, consultorias e bancos estimam a entrega das misturadoras às revendas em 29 milhões a 29,5 milhões de toneladas, ante o recorde de 28,3 milhões de toneladas de 2011. Com o maior consumo de fertilizantes, o país aumentou a sua dependência pelas importações. Em 1998, elas representaram 50,6% do consumo interno; em 2011, a fatia chegou a 70,1%.

---

### **MDS investe R\$ 12,3 milhões em equipamentos de segurança alimentar e nutricional. Fernanda Souza – Site do MDS. 08/08/2012**

*Resultado provisório do edital divulgado na última sexta-feira (3) beneficia 30 municípios e o DF com recursos para modernização e obras*

Brasília, 7 – O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) divulgou, na última sexta-feira (3), o resultado provisório do edital nº 06/2012. Foram beneficiados 30 municípios e o DF com recursos para qualificar, diversificar serviços e ampliar atendimento nos equipamentos públicos de segurança alimentar e nutricional.

Ao todo, serão investidos R\$ 12,3 milhões. Esse valor é 123% superior ao previsto inicialmente no processo, que era de R\$ 5,5 milhões. Esse aumento, que é permitido pelo edital, ocorreu porque 32 propostas, das 85 recebidas, atenderam aos requisitos da seleção pública e puderam ser aprovadas.

“A depreciação desses espaços públicos é comum e necessidade de qualificá-los é imprescindível”, destaca a coordenadora de Equipamentos Públicos de Segurança Alimentar e Nutricional do MDS, Viviane Lourenço. Segundo ela, as ações têm por objetivo a produção e a distribuição de refeições saudáveis, com alto valor nutricional, a preços acessíveis, para pessoas em situação de insegurança alimentar, garantindo o direito humano à alimentação adequada.

Os projetos aprovados envolvem 11 bancos de alimentos, 14 cozinhas comunitárias e 14 restaurantes populares em todo o país. Para a execução de obras, cada equipamento receberá ao menos R\$ 250 mil. Já para a modernização que não envolva a execução de obras o valor de repasse mínimo está fixado em R\$ 100 mil.

Os projetos podem envolver elaboração de projetos de engenharia; execução de obras e instalações; aquisição de equipamentos e materiais permanentes; aquisição de utensílios e materiais de consumo; e aquisição de veículos. O resultado final será publicado no dia 17 de agosto.

---

### **Pernambuco oficializa adesão ao novo modelo do PAA. Valéria Feitoza – Site do MDS. 09/08/2012**

*Ministra Tereza Campello e governador Eduardo Campos assinam documento com as mudanças na forma de execução do programa*

A ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello, e o governador de Pernambuco, Eduardo Campos, assinaram nesta quinta-feira (9) o termo de adesão do estado ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). O documento oficializa a mudança na forma de execução do programa no estado, o que permitirá expandir o PAA a mais municípios e alcançar novos públicos.

Com a assinatura do documento pelo governo de Pernambuco, chega a 11 o número de unidades da federação que já aderiram ao novo PAA. Distrito Federal, Piauí, Acre, Paraíba, Alagoas, Bahia, Rio Grande do Norte, Ceará, Rondônia e Rio Grande do Sul já assinaram os termos de adesão.

Atualmente, o PAA é executado em parceria com estados por meio de convênio. O novo modelo, que substitui os convênios pela adesão, permitirá executar o programa de forma continuada e menos burocrática.

Nessa nova forma, estados e municípios continuam desenvolvendo as operações de aquisição e de destinação dos alimentos, e o governo federal é o responsável pelo pagamento aos fornecedores do programa, por meio de cartão bancário, o que permite aos beneficiários fazer saques e operações de débito em estabelecimentos comerciais.

Outra mudança importante refere-se à contrapartida. Estados e municípios que tenham aderido ao programa não precisarão mais fornecer recursos financeiros para a execução do programa, como se dá nos convênios. Há ainda a previsão de que a União contribua para o pagamento de despesas operacionais do programa, a partir do estabelecimento de metas.

O PAA prevê a aquisição de alimentos de públicos específicos, com dispensa de licitação, a preços compatíveis com os dos mercados regionais. Os produtos são destinados a ações de alimentação empreendidas por entidades da rede socioassistencial; equipamentos públicos de alimentação e nutrição, como Restaurantes Populares, Cozinhas Comunitárias e Bancos de Alimentos; e para famílias em vulnerabilidade social. Esses alimentos contribuem para a formação de cestas distribuídas a grupos populacionais específicos.

O público apto a fornecer alimentos ao PAA inclui agricultores familiares, assentados da reforma agrária, silvicultores, aquicultores, extrativistas, pescadores artesanais, indígenas e integrantes de comunidades remanescentes de quilombos rurais e demais povos e comunidades tradicionais.

---

### **Choque de alimentos. Celso Ming - O Estado de São Paulo, Economia. 09/08/2012**

A economia brasileira começa a enfrentar nova parada dura que tem tudo para ser novo choque de alimentos.

A estocada no custo de vida de julho, medido pelo IPCA, foi maior do que a esperada. Foi um avanço de 0,43%, bem acima do 0,08% apontado no mês anterior.

Mas o número mais expressivo não aparece no IPCA, mas nos resultados da primeira prévia do IGP-M. Os preços agrícolas no atacado saltaram nada menos que 4,39% sobre a situação do mês anterior.

Essa escapada reflete a forte alta das commodities agrícolas em consequência da maior estiagem desde 1956 que ataca a mais importante área produtora de grãos do maior produtor mundial, os Estados Unidos. Em somente dois meses e oito dias (até ontem), as cotações do milho avançaram 57%; as do trigo, 36%; e as da soja, 25%.

O avanço do custo de vida mostra o primeiro movimento de transferência desse salto de preços do mercado atacadista para o varejo. Em julho, os preços do grupo Alimentação e Bebidas subiu 0,91% e contribuíram, com 0,21 ponto porcentual, no 0,43% de crescimento da inflação do mês. Agora parece inevitável que se acentue a transferência da alta dos alimentos para o custo de vida.

Além do impacto do choque dos alimentos e do encarecimento dos importados como desdobramento da desvalorização cambial (alta do dólar), o bolso do consumidor deverá enfrentar novo foco de pressões altistas na área dos combustíveis. Os resultados negativos da Petrobrás no segundo trimestre foram suficientemente impressionantes para mostrar que a política de distribuição de subsídios ao consumo de combustíveis é incompatível com os programas de investimento da Petrobrás e com a necessidade de garantir o suprimento de etanol. Ainda ontem, o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, reconheceu que os reajustes dos combustíveis ficaram inevitáveis, embora admita que não haja ainda decisão sobre a matéria dentro do governo.

Esses fatores indicam que a conjuntura de crise, fortemente deflacionista até recentemente, deixou de contribuir, como vinha esperando o Banco Central, para a queda da inflação interna. Como a quebra de safras nos Estados Unidos dificilmente será compensada por aumentos de produção de grãos em outros países, não há condições técnicas de que essa alta de preços seja revertida tão cedo.

A questão seguinte consiste em saber até que ponto as novas pressões inflacionárias permitirão que o Banco Central continue dando seguimento à sua política de afrouxamento monetário (queda dos juros). Parece bem mais difícil agora garantir, neste ano, a convergência da inflação para a meta, com o que contava o Banco Central.

Isso não significa necessariamente mudança de rumo na atual política de juros. O governo Dilma parece determinado a continuar a baixá-los. Uma das precondições técnicas para isso seria reforçar o superávit orçamentário para reduzir ainda mais seu impacto sobre os preços. Mas a desaceleração da atividade econômica também está contendo a arrecadação e deixa o governo federal sem muita margem para agir.

---

### **Commodities agropecuárias ficam 10,4% mais caras. Mônica Izaguirre – Valor Econômico. 09/08/2012**

O preço médio das commodities relevantes para a inflação brasileira, medido pelo Índice de Commodities Brasil (IC-Br), subiu 7,81% em julho. O aumento foi puxado pelas commodities agropecuárias, que ficaram 10,37% mais caras, revertendo o resultado acumulado do ano, que era de uma queda de 0,31% até maio.

O Banco Central, que apura e divulga o índice, inclui nesse grupo carne de boi, carne de porco, óleo de soja, algodão, trigo, açúcar, milho, arroz e café. O que mais pressionou foram os grãos, diz o economista Antônio Madeira, da equipe da LCA Consultores. Ele lembra que problemas

climáticos prejudicaram a safra dos Estados Unidos, o que se refletiu nas cotações internacionais.

Madeira afirma que influência direta dos preços dos grãos no IPCA, índice de preços ao consumidor que baliza as metas oficiais de inflação no Brasil, "é pequena". O risco de repasse de elevação de preços está nos produtos que os utilizam como insumo, em especial a carne de frango. Ainda assim, o economista não vê motivo para o BC desistir de fazer mais um corte da taxa básica de juros agora no fim de agosto, de 8% para 7,5% ao ano, como espera o mercado. Ele acredita que o impacto inflacionário dos aumentos detectados pelo IC-BR será compensado ou pelo menos amenizado pela queda de preço de outros itens do IPCA, como os hortifrutigranjeiros.

Além disso, há expectativa de recuo ou, pelo menos, de acomodação de preços das próprias commodities agropecuárias. Isso tende a ocorrer, avalia o economista da LCA, na medida em que forem colhidas as safras do Brasil e da Argentina, ainda este ano. Para 2013, a previsão é favorável porque não se esperam novos problemas com a safra americana, diz.

A relativa estabilidade do câmbio, que faz parte do cenário, deve ajudar. As desvalorizações cambiais aumentam o IC-BR, que mede os preços em reais. Em julho, considerada a taxa média de cada mês, não houve queda do real. O câmbio, portanto, não contribuiu para a subida do índice. Os preços aumentaram em dólar mesmo.

O IC-BR de julho apontou ainda encarecimento das commodities energéticas. Em média, os preços do petróleo do tipo Brent, do gás natural e do carvão subiram 6,06%, basicamente por causa do petróleo. Já o preço das commodities metálicas, que incluem alumínio, minério de ferro, cobre, estanho, zinco, chumbo e níquel, recuou 1,76% no mês.

O economista da LCA diz que o comportamento desse último grupo vai depender sobretudo da economia da China, que é um grande comprador. A desaceleração econômica naquele país tende a comprimir ou a não deixar subir o preço dessas commodities. Com a economia mundial crescendo muito pouco, Madeira tampouco vê pressão de alta no caso das energéticas.

No acumulado do ano, o IC-Br aumentou 8,71%, principalmente por causa das commodities agropecuárias, que subiram 10,92%. As metálicas e as energéticas subiram, respectivamente, 6,06% e 0,86% nesses mesmos sete meses.

---

### **Clima eleva preço global de alimentos em 6%. Andrei Netto – O Estado de São Paulo, Economia. 10/08/2012**

*Seca nos EUA prejudica produção de cereais, como o milho, que subiu 23%; já as chuvas irregulares no Brasil afetaram preço do açúcar, segundo a FAO*

O preço médio dos alimentos no mundo subiu 6% no mês de julho em relação a junho, depois de três meses de baixa. O sinal amarelo foi aceso ontem pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), cujo relatório aponta como vilões o preço dos cereais e do açúcar.

Enquanto o primeiro sobe por causa da seca nos Estados Unidos, o segundo sofreu o impacto das chuvas irregulares no Brasil. Com o aumento, o índice da FAO se aproxima do recorde de 2008, ano das revoltas provocadas pela fome na África e na Ásia.

O aumento foi verificado na cesta de produtos básicos que serve de parâmetro para os relatórios da organização. Em julho, a alta interrompeu uma sequência de três meses de baixas contínuas, e elevou o índice da FAO a um total de 213 pontos, 12 pontos a mais do que no mês anterior.

Por ora, a alta é considerada resultado de uma série de conjunturas climáticas desfavoráveis, como seca nos Estados Unidos, chuvas irregulares no Brasil e atraso nas monções (fenômeno climático que provoca chuvas intensas) na Índia.

O dado preocupante é que o nível atual se situa próximo ao pico de fevereiro de 2008, quando ocorreram as "revoltas da fome" - as manifestações violentas em países como Burkina Faso, Senegal, Costa do Marfim, Mauritânia, Egito, Haiti, Indonésia, Filipinas e Camarões.

Na época, o índice da FAO havia subido de 139 pontos para 219 pontos no intervalo de um ano, impulsionado por altas nos preços de cereais e de produtos derivados do leite.

"Quando 18 milhões de pessoas já sofrem de fome no Sahel (região do deserto do Saara), essa alta dos preços é muito alarmante", diz Clara Jamart, da organização não governamental Oxfam. "A situação alimentar é muito tensa e a especulação continua agindo."

Desta vez, os produtos que mais pesaram na balança foram o açúcar e os cereais. De acordo com as Nações Unidas, o açúcar teve alta de 12% em média em relação ao mês anterior, interrompendo uma baixa que se repetia desde março.

"O vigor da cotação do açúcar se explica pelas chuvas intempestivas no Brasil, primeiro exportador mundial, que atrapalharam a colheita de cana", dizem os experts da FAO. "As preocupações ligadas ao atraso das monções na Índia e a falta de precipitações na Austrália também contribuíram para a alta da cotação."

A tendência, no entanto, tende a se inverter nos próximos meses. Ontem, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), órgão do Ministério da Agricultura, apresentou suas projeções para a safra de cana-de-açúcar de 2012 e 2013, com previsão de aumento de 6,5% no Brasil, com uma safra de 593,63 milhões de toneladas, ante 560 milhões na temporada passada.

Cereais. Outro fator importante na inflação no preço dos alimentos foi a perspectiva de quebra parcial da colheita de milho nos Estados Unidos por causa da seca, o que fez o produto subir 23% no mês de julho. O trigo também sofreu forte alta, de 19%, desta vez causada por problemas na safra da Rússia e pelo aumento da demanda para alimentação de rebanhos.

Já o arroz fechou o mês com tendência estável. Com as altas, também o índice dos cereais, que agora chega a 260 pontos, se aproxima do ápice, "somente 14 pontos a menos do que seu recorde absoluto (em termos nominais) de 274 pontos em abril de 2008".

A boa notícia do balanço da FAO é a redução, ainda que pequena, em torno de 1%, do preço das carnes bovina e ovina e de aves. No caso dos derivados de leite, a queda chega a 16% desde o início do ano.

## **Clima ressuscita risco de inflação global de alimentos. Liam Plevin – Valor Econômico. 10/08/2012**

Uma onda de tempo ruim - seca nos Estados Unidos, verão quente demais na Rússia, muita chuva no Brasil - está prejudicando a cadeia de produção de alimentos e aumentando preços ao redor do mundo. A FAO, órgão das Nações Unidas para alimentos e agricultura, anunciou ontem que seu índice para preços de alimentos subiu 6% no mês passado, a maior alta desde novembro de 2009. O índice, que mede os preços de exportação de alimentos, está 10% abaixo de seu recorde de fevereiro de 2011.

Os preços do milho, trigo e soja subiram no mercado futuro ontem, apontando para o risco de novos aumentos de preço de alimentos. A alta de 1% do milho o deixa em alta de 47% desde 31 de maio, antes da seca nos EUA, enquanto os preços da soja subiram 4% ontem e estão 26% mais altos no mesmo período. As altas refletem danos causados por clima seco e quente na região produtora nos EUA, onde se esperavam boas safras de milho e soja, fundamentais para a alimentação de gado que podem elevar os preços de carne e laticínios. Traders de commodities e observadores do mercado esperam que o Usda, como é conhecido o ministério de Agricultura dos EUA, corte suas estimativas de colheita para ambas as culturas em seu relatório mensal de hoje.

A seca piorou semana passada em importantes regiões produtoras de milho e soja dos EUA, segundo um mapa da seca divulgado pelo Centro Nacional de Alívio da Seca da Universidade de Nebraska em conjunto com agências do governo. "O mercado está olhando para a frente e está bem ciente dos problemas por todo o mundo", disse Concepcion Calpe, economista sênior da FAO. "Os próximos meses terão muita volatilidade." O clima quente na ex-União Soviética também está elevando o preço do trigo, enquanto as chuvas no Brasil prejudicaram a safra de cana-de-açúcar, segundo a organização. Os preços do arroz, contudo, quase não se mexeram e o suprimento mundial está bom, aliviando o impacto sobre os pobres, para quem arroz é um alimento básico. Os problemas atuais aumentam a necessidade de produção alta em grandes países exportadores do Hemisfério Sul, como Argentina, Austrália e Brasil, onde agricultores estão se preparando para plantar a próxima safra dentro de alguns meses. "Toda a atenção vai se voltar para as lavouras que estão vindo", disse Calpe.

Membros de organizações internacionais, incluindo o Banco Mundial e o Programa Mundial de Alimentos da ONU, temem que governos reajam à escassez de alimentos limitando exportações ou acumulando estoques, o que pressionaria ainda mais os preços. Sob essas circunstâncias, "você tem um problema muito, muito maior", disse Arif Husain, representante do Programa Mundial de Alimentos. Recentes altas de preço também foram causadas por problemas climáticos e agravadas por restrições comerciais, dizem analistas.

Em 2010, por exemplo, uma onda de calor na Rússia levou o governo a proibir exportações de trigo, enquanto uma alta mundial de preços em 2007 e 2008 levou a manifestações violentas em vários países. Investidores estão de olho no risco de novas intervenções de governos. "Quando isso começar, vai ser bem contagioso", disse Jeremy Grantham, estrategista-chefe de investimentos da GMO LLC, que administra US\$ 100 bilhões em ativos. Preços de exportações

não se traduzem diretamente em preços no varejo, que também dependem de outros fatores, como subsídios locais e as margens dos processadores de alimentos.

Mas analistas esperam que o problema chegue ao bolso do consumidor, inclusive os da nova classe média de mercados emergentes, onde o consumo de carne tem crescido. Alimentos mais caros poderiam também prejudicar países como o Brasil, a China e a Índia, que já estão com a economia em marcha lenta. "Esses países vão ter de lidar com um PIB menor e [preços de] alimentos maiores", disse Sean Darby, estrategista-chefe de ações mundiais da Jefferies & Co. Turbulência nos mercados de grãos poderiam beneficiar grandes fornecedores de commodities.

Sergio Rial, diretor financeiro da gigante de grãos Cargill Inc., disse que a seca "provavelmente" aumentaria os lucros no curto prazo à medida que a empresa use seu alcance mundial para comprar grãos na América do Sul. No longo prazo, a Cargill pode ter um volume menor no processamento de grãos se os preços mais altos reduzirem as compras, além de custos inflacionados em seu vasto negócio de processamento de carne. Mas o dólar também tem subido recentemente, o que poderia aumentar a conta de compradores de fora dos EUA que usam suas moedas locais para comprar milho americano. Os EUA são o maior produtor e exportador mundial do grão. Países que dependem de milho e soja importados estão propensos a ser afetados pela seca nos EUA.

A China é um grande importador de soja, usada para alimentar porcos, a fonte de proteína animal favorita do país. O México, por sua vez, é um grande importador de milho. "Estamos relativamente preocupados" quanto ao impacto da seca americana, disse uma autoridade mexicana, observando ao mesmo tempo que a produção de milho no México deve aumentar este ano. O Departamento de Agricultura dos EUA, equivalente a um ministério, divulgou na semana passada que compradores mexicanos haviam adquirido 1,5 milhão de toneladas de milho americano. Não está claro quem foram os compradores. Ontem, o governo brasileiro também aumentou sua previsão para a safra de milho. Agências de assistência social poderiam ser prejudicadas porque o custo do alimento que elas distribuem poderia aumentar ao mesmo tempo em que mais pessoas precisam dele. "Vamos ser atingidos em ambos os lados", disse Husain, da Programa Mundial de Alimentos.

Se os alimentos que o programa costuma fornecer aumentarem de preço em 10%, os custos da agência subiriam em US\$ 200 milhões, disse ele. **(Colaboraram Doug Cameron e Owen Fletcher).**

---

### **O Brasil e a seca nos EUA – O Estado de São Paulo, Editorial. 12/08/2012**

A seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as economias pobres e dependentes da importação de comida. Um dia depois de anunciada no Brasil a maior safra de grãos e oleaginosas de todos os tempos, o governo americano confirmou grandes perdas nas lavouras de soja e milho. A longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às novas estimativas, divulgadas na sexta-feira pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. A piora das condições de oferta de soja e milho poderá afetar também os mercados de outros produtos, porque será preciso recorrer a substitutos principalmente para a produção de rações e de etanol.

O Brasil será um dos países em condições de aproveitar as oportunidades abertas pela quebra da safra americana. A produção de soja, agora calculada em 66,4 milhões de toneladas na atual safra, deve ser 11,8% menor que a anterior, mas o governo projeta uma exportação de 31,2 milhões, volume apenas 5,4% menor que o do ano passado. Mas o grande sucesso da safra 2011-2012, no País, é a produção de milho, recém-estimada em 72,8 milhões de toneladas, com expansão de 26,8% em um ano. O volume exportado poderá aumentar de 9,3 milhões para 14 milhões de toneladas, segundo projeta a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Mas a excelente colheita favorecerá principalmente a produção de aves e suínos, com benefícios tanto para o abastecimento interno como para a exportação de carnes.

O mercado interno deve continuar bem abastecido, embora seja razoável prever alguma pressão sobre o custo de vida, principalmente por causa das cotações internacionais. O novo levantamento da Conab confirmou menor produção tanto de arroz como de feijão, neste ano, mas as quebras se refletem principalmente na redução dos estoques finais, sem problemas de abastecimento. Será importante, no entanto, garantir boas colheitas para a temporada 2012-2013, porque os volumes remanescentes serão pequenos.

Não houve crises de abastecimento no Brasil nas últimas duas décadas. Isso se explica tanto pela modernização tecnológica da agropecuária como pela liberação de preços e do comércio exterior, depois de um longuíssimo e desastroso período de intervencionismo estatal. Não há razão para esperar dificuldades no próximo ano, mas os preços da alimentação provavelmente forçarão o Banco Central a ser mais conservador na condução da política de juros.

Poderá haver dificuldades para as populações pobres dos países importadores de comida. O diretor-geral da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), José Graziano da Silva, pediu aos Estados Unidos a suspensão da obrigatoriedade de mistura de etanol na gasolina. O milho é a fonte principal do etanol americano.

O governo americano reduziu de 4,6 milhões de toneladas para 3,9 milhões a previsão do estoque de soja no fim da temporada 2012-2013. A produção calculada caiu de 83 milhões para 73,3 milhões de toneladas. Em um mês a estimativa da safra de milho caiu 16,9%, de 329,4 milhões de toneladas para 273,8 milhões. Para o fim da safra 2012-2013 foram projetados estoques de 16,5 milhões de toneladas, os menores desde a temporada 1995-96.

Com exportações de US\$ 44,8 bilhões e saldo comercial de US\$ 36,8 bilhões no primeiro semestre deste ano, o agronegócio continua sendo um importantíssimo fator de segurança para o setor externo da economia brasileira. Os bons resultados foram obtidos em 2012 mesmo com a queda de preços de vários produtos básicos. Poucos preços, incluídos os da soja, ficaram imunes à crise global. A China se manteve como a principal compradora de produtos agropecuários, apesar de sua desaceleração econômica. Espera-se uma reativação da economia chinesa, embora o ritmo de crescimento deva manter-se abaixo de 9%. Essa reativação ajudará a sustentar os preços dos alimentos.

---

**Agora, tudo tem de dar muito certo para ficar apenas ruim. Mauro Zafalon –  
Folha de São Paulo, Mercado. 12/08/2012**



Daqui para a frente, tudo tem de dar muito certo para ficar apenas ruim. Isso mesmo! Se a produção global de grãos não tiver um clima perfeito a partir de agora, o que resultaria numa "safra cheia", como dizem no setor, a oferta de alimentos será um caos.

Após uma quebra de safra nos EUA no ano passado, outra na América do Sul no começo deste ano e mais uma agora nos EUA, qualquer clima ruim na nova safra da América do Sul, que começará a ser semeada, provocará brutal redução nos estoques mundiais de alimentos.

Voltarão à tona as discussões sobre crise alimentar e eventuais políticas de segurança alimentar a serem adotadas por países dependentes da importação de grãos.

Os números são impressionantes. Apenas nesse período mencionado (nas safras do ano passado e deste), os EUA deixaram de colher 132 milhões de toneladas de milho. Algumas regiões da América do Sul, como o Sul do Brasil, também tiveram fortes perdas.

A redução na oferta de soja foi de 38 milhões de toneladas, quando comparadas as estimativas iniciais com a safra colhida nos Estados Unidos e na América do Sul.

O relatório de oferta e demanda mundiais divulgado anteontem pelo Usda (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) aponta o cenário ruim do momento, registrando queda de 102 milhões de toneladas na produção de milho do país, comparando a meta inicial da safra com a produção efetiva que os norte-americanos terão.

O Usda tenta minimizar os efeitos da redução de safra provocada pela seca refazendo os números de consumo.

No caso do milho, por exemplo, a estimativa de consumo total dos EUA para a safra 2012/13 -o número inclui as exportações- é de apenas 285 milhões de toneladas. É um número irreal, uma vez que as exigências do mercado norte-americano já superam 320 milhões de toneladas por ano.

Só a produção de etanol consumiu 127 milhões de toneladas no ano passado. O Usda prevê uso menor de milho na produção desse combustível neste ano, mas essa queda tem um limite. O país tem um patamar de produção de etanol fixado por lei.

Para que os estoques mundiais sejam refeitos, o Usda aposta em safras maiores de milho e de soja no Brasil e na Argentina. Esses países ganhariam também fatia maior nas exportações mundiais.

Os dados da semana passada do governo norte-americano apontaram que o Brasil exportará o recorde de 14 milhões de toneladas de milho e 38 milhões de toneladas de soja.

Preços internacionais elevados e dólar mais favorável permitem essas exportações. O problema é a logística para a saída desses produtos.

A escassez de grãos força a alta nos preços. Isso é bom para toda a cadeia agrícola, que passa a ter margem maior na comercialização. Na outra ponta, no entanto, estão as indústrias processadoras de alimentos, que pagam mais pela matéria-prima e vão repassar os aumentos de custos para os consumidores.

Os dados de inflação divulgados na semana passada pela Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) indicam que o consumidor paulistano está pagando 2% mais pelos óleos de soja e de milho nos últimos 30 dias.

Esse deve ser apenas o início dos reajustes, uma vez que a alta de preços no campo demora várias semanas para chegar ao varejo.

Nos últimos 30 dias, a inflação média teve elevação de 0,16% em São Paulo, aponta a Fipe.

---

### **Mapa e Embrapa desenvolvem variedades transgênicas resistentes à seca, Vera Stumm – Site do MAPA. 13/08/2012**

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), em parceria com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), busca desenvolver variedades geneticamente modificadas de cana-de-açúcar, soja, milho, arroz e trigo com o objetivo de reduzir os riscos em decorrência das mudanças climáticas. A pesquisa promete reduzir os custos na lavoura e contribuir na preservação do meio ambiente.

De acordo com o pesquisador da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, Eduardo Romano, os resultados até o momento são promissores. "Isolamos um gene relacionado à resistência ao estresse hídrico e o introduzimos em plantas modelo. Estas se tornaram altamente tolerantes à seca. As plantas não modificadas sobreviveram apenas 15 dias sem água enquanto que as plantas que receberam o gene sobreviveram mais de 40 dias. Agora estamos introduzindo este gene nas culturas comerciais. Esse é um processo que será obtido em longo prazo. Se tudo der certo, a estimativa de lançamento dessas variedades é para 2017", afirmou.

“Nossa ideia com o desenvolvimento dessas variedades é beneficiar toda a sociedade, desde o produtor que contará com uma tecnologia para auxiliar no aumento da produtividade e reduzir os custos da produção, até o consumidor”, acrescentou Eduardo Romano. Para o secretário de Produção e Agroenergia do Ministério da Agricultura, José Gerardo Fontelles, a tecnologia vai permitir que o Brasil mantenha a sua performance com um dos maiores produtores e exportadores agrícolas. “A pesquisa vai aumentar a competitividade brasileira pela adoção dos meios modernos de tecnologias existentes em benefício da sociedade brasileira”, destacou.

O Brasil, como um grande fornecedor de alimentos, deve aumentar sua produção agrícola para acompanhar o crescimento da demanda mundial. “Nosso foco é a sustentabilidade, a preservação do meio ambiente, como por exemplo, o uso racional da água”, frisou Fontelles. Todo o esforço do Governo já é percebido através dos resultados positivos obtidos na agricultura nacional.

---

### **Frente da Agroecologia vai estimular debate sobre alimentação saudável – Site do MAPA. 14/08/2012**

*O assunto voltou a ser discutido por Mendes Ribeiro Filho no Palácio do Planalto com demais ministros*

A preocupação com a oferta de alimentos saudáveis marcou o lançamento da Frente Parlamentar pelo Desenvolvimento da Agroecologia e Produção Orgânica, que aconteceu na

semana passada, em Brasília. Deputados e ministros presentes ao evento defenderam um espaço que se propõe o debate do tema com a sociedade e fortalece a legislação no setor. Em parceria com o Governo Federal, pretende ainda consolidar políticas públicas que privilegiem a agricultura sustentável.

Hoje (14/08) pela manhã, o assunto voltou a ser discutido pelo ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Mendes Ribeiro Filho no Palácio do Planalto com o secretário geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho, o ministro do Desenvolvimento Agrário Pepe Vargas e a ministra do Meio Ambiente, Isabella Teixeira.

O coordenador de Agroecologia do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Rogério Dias, destacou a importância da criação da Frente Parlamentar. “A existência deste espaço de discussão e mobilização em torno do tema dentro do Legislativo trará um importante reforço político no âmbito federal, estadual e municipal, já há muito defendido e sonhado por todos os envolvidos com a agricultura orgânica”, enfatizou.

Os representantes da Frente Parlamentar acreditam que a agroecologia representa algo que vai além da produção orgânica, considerando os aspectos ambientais, sociais, éticos e políticos da agricultura, valorizam os saberes populares, o modo de vida camponês e a economia popular, solidária e ecológica.

---

### **G-20 avalia alta dos alimentos. Assis Moreira – Valor Econômico. 14/08/2012**

A França e os Estados Unidos articulavam ontem uma reunião telefônica a ser feita amanhã para verificar se há necessidade de o G-20 dar uma resposta à alta de preços dos alimentos causada pela pior seca nos últimos 50 anos nos EUA. A ideia é convocar o primeiro encontro do Foro de Reação Rápida - instância criada em 2011 para oferecer uma contrapartida em caso de forte tensão nos mercados e prevenir uma crise alimentar mundial.

O **Valor** apurou que o plano é evitar, de um lado, que produtores agrícolas restrinjam as exportações e, de outro, que importadores se apressem em acumular enormes estoques de cereais. Nos dois casos haveria uma explosão de preços com capacidade de deflagrar uma nova crise alimentar mundial.

As reações entre os negociadores foram variadas. Alguns consideraram que a convocação do foro poderia gerar mais pânico no mercado, levando-se em consideração que os EUA vão perder um sexto da colheita de milho. Para outra parcela de negociadores, uma resposta conjunta do G-20 é vista como positiva, pois faria com que os países se comprometessem a evitar os erros cometidos na crise de alimentos de 2007/2008.

---

### **Alta dos grãos entra na pauta do G-20. Assis Moreira – Valor Econômico. 14/08/2012**

França e Estados Unidos articulavam ontem a realização de uma reunião telefônica na quarta-feira com o intuito de verificar se há necessidade de o G-20 dar uma resposta à alta de preços dos alimentos provocada pela pior seca nos últimos 50 anos nos EUA. A ideia é convocar o primeiro encontro do Foro de Reação Rápida - instância criada em 2011 para oferecer uma

contrapartida em caso de forte tensão nos mercados e prevenir uma crise alimentar mundial - entre o fim de setembro e o começo de outubro, em Roma.

O **Valor** apurou que o plano é evitar, de um lado, que países produtores de commodities agrícolas restrinjam as exportações e, de outro, que importadores se apressem em acumular enormes estoques de cereais. Nos dois casos haveria uma explosão de preços com capacidade de deflagrar uma nova crise alimentar mundial.

No entanto, as reações entre diferentes negociadores foram variadas. Alguns deles avaliaram que a convocação do foro poderia gerar mais pânico no mercado, levando-se em consideração que os EUA vão perder um sexto de sua colheita de milho e o prejuízo já provocou alta de 23% nos preços do grão desde julho.

A própria Agência das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) insiste que a situação atual é bem diferente da crise de 2007-2008. Vários fatores influenciam a visão da agência: os estoques de trigo permanecem elevados, os preços do arroz (principal commodity na Ásia) estão estáveis e vários produtos não negociados em bolsa apresentam boas colheitas, como o feijão e a mandioca.

Contudo, o ministro da Agricultura da França, Stéphane Le Foll, observou que o relatório do Departamento de Agricultura americano (USDA) divulgado na semana passada confirma a degradação das perspectivas das colheitas de milho e soja nos EUA. A avaliação de Le Foll fez com que certos negociadores indagassem se a França teria algum benefício político em convocar a reunião para uma situação que na prática, segundo eles, ainda não exige tal posição.

Mas para outra parcela de negociadores, uma resposta conjunta do G-20 é vista como positiva, pois faz com que os países se comprometam a evitar os erros cometidos em 2007 e 2008. Na ocasião, a crise alimentar foi impulsionada pela decisão de vários países restringirem as exportações, inclusive a própria Índia, que é uma importadora agrícola. Outra consequência foi a corrida dos importadores para reforçar enormemente os estoques.

A atuação de China e Tailândia no mercado de arroz foi responsável pelo aumento de 30% nos preços do cereal. Em 2010, a Rússia impôs embargo total a suas exportações de trigo após uma severa estiagem, o que ajudou para a explosão dos preços no mercado internacional. A Argentina impõe taxas sobre suas exportações que também restringem o comércio.

Para a FAO, portanto, a resposta deveria começar pelo engajamento dos países na manutenção dos níveis de exportações e não pela adoção de medidas políticas unilaterais. José Graziano da Silva, diretor-geral da FAO, também propôs que os EUA suspendam temporariamente seu mandato de produção de etanol. A ideia é que a obrigatoriedade da mistura de 10% do bicomcombustível na gasolina diminua para cerca de 8% até que os efeitos da seca estejam distantes.

Para Conception Calpe, especialista em preços agrícolas da FAO, os países africanos, no cenário atual, podem ser os mais atingidos, mesmo que tenham investido em agricultura desde a crise de 2007. Já os produtores latino-americanos levam vantagem com essa situação e podem se beneficiar dos altos preços se não restringirem as exportações, medida que parece fora do radar nos países da região.

---

## **Planejamento e PAA são temas do segundo dia do evento da Conab – Site da CONAB. 14/08/2012**

No início do segundo dia do evento "Governança Corporativa: planejamento, metas e riscos", promovido pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o Presidente do Conselho de Administração da Companhia, José Carlos Vaz, disse que a estatal precisa assumir um papel tático e não apenas operacional em relação à execução das políticas públicas voltadas à agricultura. Ele ressaltou a importância do investimento em logística e em inovação e elogiou a iniciativa do Ministério da Agricultura em buscar a regionalização das políticas agrícolas no país.

Ontem (13), na abertura do encontro, o ministro da Agricultura, Mendes Ribeiro, e o presidente da Conab, Rubens Rodrigues, assinaram um acordo de gestão para a Companhia. De acordo com Vaz, um dos tópicos fundamentais desse acordo é a criação de um manual de governança sobre política de recursos humanos para a Conab, baseada na meritocracia. "É fundamental também que haja o envolvimento, a participação e o comprometimento de todos os empregados da empresa".

Outros destaques do segundo dia foram as apresentações do maratonista José Umberto Pereira, com o tema "As fases do planejamento" e da Secretária Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional do Ministério do Desenvolvimento Social, Maya Takagi, que abordou o "Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)".

O encontro segue até amanhã (15), no Mercure Brasília Eixo Hotel e reúne superintendentes e gerentes das regionais e da matriz. Eles discutem o tema Governança juntamente com os Diretores e Presidente da estatal com especialistas de outras instituições.

---

## **Alimentos sob pressão. Fabiana Ribeiro e Bruno Rosa – O Globo. 14/08/2012**

*Estiagem nos EUA encarece em até 33% grãos no atacado. Alta chegará ao varejo*

RIO. A seca que castiga as regiões produtoras de grãos nos EUA já se traduz em preços mais elevados no Brasil. No atacado, os principais grãos — soja, milho e trigo — ficaram até 33% mais caros desde maio (às vésperas do início da estiagem) no mercado brasileiro. O Brasil é grande produtor de grãos, mas como essas *commodities* são cotadas no mercado internacional, a quebra de safra nos EUA afeta diretamente os preços praticados aqui.

É uma questão de tempo — ou de dias — para que o consumidor também pague parte dessa conta. Tanto que, preveem especialistas, as cotações mais elevadas devem aparecer já na próxima divulgação da inflação oficial, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), referente a agosto. Carnes de frango e de porco (que usam farelo de soja e de milho como ração), além de óleo de soja, pães e macarrão devem ficar mais caros também no varejo.

Nas contas do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da USP, os efeitos da estiagem aparecem quase de imediato na soja. De maio a agosto, os preços médios do grão no atacado subiram 33%.

— No caso do milho, a expansão no atacado atinge 29%. E a alta do trigo está em 12%. Mas, com os estoques baixos, esse avanço será maior. Os preços elevados devem permanecer ainda por 12 a 15 meses, dependendo do grão e das próximas safras. Se não fosse a crise atual, que segura a demanda mundial, os preços iam disparar — previu Lucílio Alves, analista do Cepea. — Não há como o consumidor não pagar mais por frango ou suínos. Além da seca, a greve dos fiscais agropecuários foi o detalhe do terremoto.

### **Frangos e suínos mais caros**

De acordo com Francisco Turra, presidente da União Brasileira de Avicultura (Ubabef), o preço do quilo do frango vivo começou a subir há duas semanas. No período, o valor aumentou de R\$ 2,10 para R\$ 2,30, quase 10% mais. Impacto direto da seca nos Estados Unidos, que causou perda na safra de milho de 100 milhões de toneladas, número que representa toda a safra combinada de Brasil e Argentina.

— O milho hoje é um dos principais custos na cadeia do frango. Muitos pequenos e médios produtores estão sentindo o efeito e começam a reduzir a sua produção.

Marcelo Lopes, presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS), relata que, sem estoques, os preços do quilo do porco vivo já subiram 11% nas duas últimas semanas. Os preços de milho e soja somam 70% dos custos para os produtores de suínos.

### **Pressão pode adiar reajuste da gasolina**

As altas já aparecem na inflação medida pelo IGP-M, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que investiga os preços no atacado. Mas, para Salomão Quadros, da FGV, as altas captadas na primeira prévia do IGP-M de agosto (de 18,05% no milho, de 9,93% na soja, de 3,99% no trigo e de 4,69% na ração animal) não devem aparecer com a mesma intensidade no varejo:

— Certamente, menos da metade vai chegar ao consumidor. E essa conta pode ainda surgir em etapas nos supermercados, aos poucos.

José de Sousa, presidente da Bolsa de Gêneros Alimentícios do Rio, concorda. Ele não projeta altas superiores a 5% no varejo, porque as vendas estão mornas nos supermercados.

— O melhor termômetro dos preços é o comportamento do consumidor. É isso que dita se os preços sobem ou não.

Para a inflação, a seca dos Estados Unidos pode contribuir para uma taxa de 0,50% a 0,55% no terceiro trimestre — acima dos 0,43% do IPCA de julho, prevê Fábio Silveira, da RC Consultores. Porém, continua ele, não é nada que comprometa o teto da meta da inflação (de 6,5% para este ano).

— A seca trouxe patamares de preços internacionais surreais. Além disso, ainda há uma forte especulação junto com uma grande expectativa para as safras da América do Sul — afirma Silveira, acrescentando que, diante da estiagem, que vai pressionar a inflação de alimentos, é possível que o governo deixe para autorizar um reajuste da gasolina só no ano que vem.

## **Brasil Foods vai aumentar em até 10% preços de alimentos – O Globo. 15/08/2012**

*Com seca nos EUA, produtos podem subir mais ainda este ano*

A Brasil Foods, maior produtora de carne de aves e suínos do país e dona das marcas Sadia e Perdigão, anunciou que vai reajustar imediatamente o preço de produtos para compensar o aumento de custos, especialmente a alta nos grãos que servem de ração para os animais, causada pela maior seca registrada em 50 anos nos Estados Unidos. No trimestre, o reajuste será de 5% a 10%, afirmou o presidente da empresa, José Antonio Fay:

— Estamos falando de aumentos entre 5 e 10%, com a visão que se tem hoje (de custos). E isto é imediatamente; até o final do ano, a ver.

### **Brasil exporta mais milho**

Ou seja, até o fim do ano, altas maiores podem ocorrer, dependendo do comportamento dos preços de insumos. Segundo o executivo, o planejamento para as vendas de dezembro teve início em março e os animais já estão sendo alimentados com grãos a um preço muito mais alto do que no ano passado. Apesar de o Brasil ser produtor de soja e milho, os grãos são cotados no mercado internacional e a seca nos EUA fez os preços dispararem.

No segundo trimestre, a Brasil Foods teve uma queda de 99% em seu lucro líquido, que foi de R\$ 6 milhões. Mesmo assim, as ações da empresa fecharam em alta de 2,37% ontem, devido ao anúncio de recomposição dos preços.

O resultado ruim da empresa no segundo trimestre teve forte influência dos preços dos grãos, que vêm registrando recordes de alta no mercado internacional, por causa da quebra de safra nos EUA, tradicionalmente o maior produtor global de soja e milho.

O elevado preço do milho no mercado externo já fez com que as exportações brasileiras do produto aumentassem 431,1% em julho, ante o mesmo mês de 2011. A taxa foi divulgada ontem pelo Ministério da Agricultura, junto com os dados da balança comercial do agronegócio. O setor teve superávit comercial de de US\$ 7,76 bilhões no mês passado. Nos últimos 12 meses, a diferença entre exportações e importações já levou a um recorde de US\$ 80 bilhões. No período, o Brasil exportou US\$ 97 bilhões e importou cerca de US\$ 17 bilhões.

Segundo o ministro da Agricultura, Mendes Ribeiro Filho, a expansão das vendas externas de milho (de US\$ 79 milhões para US\$ 419 milhões) não afetará negativamente o mercado interno. Ele disse que o órgão está atento para garantir o abastecimento do produto, fundamental para a produção de aves e suínos no país.

Ainda segundo o ministério, o complexo da soja foi responsável por 35% do total das exportações do agronegócio brasileiro no mês passado.

O segundo setor em vendas foi o sucroalcooleiro, graças ao aumento de 78,6% nas exportações de álcool. A terceira posição do mês de julho nas vendas externas ficou com as carnes. O frango continua na primeira posição, com ligeira elevação de embarque de 0,2%.

Entre os mercados compradores, a Ásia cresceu sua participação no total exportado pelo país de 35,6% para 37,8%.

## **Modelo do agronegócio baseado em commodities gera crise alimentar. Amy Horton\* - Site do MST. 17/08/2012**

No início de julho, previa-se para 2012 um recorde mundial na produção de alimentos. Poucas semanas depois, os preços do milho e da soja quebraram os recordes alcançados na crise alimentar de 2007-08, quando revoltas disparadas pela fome espalharam-se por trinta países. Os preços do trigo também subiram, mais de 50% só nas últimas seis semanas.

Tudo isso coloca o mundo à beira de uma nova crise alimentar. Quando a ONU lançar seu relatório global sobre a fome, em setembro, é provável que o número de pessoas famintas no planeta – atualmente estimado em 925 milhões – tenha se ampliado.

A culpa principal foi atribuída à seca devastadora nos Estados Unidos, que arrasou mais lavouras que qualquer outro fenômeno climático desde 1956. À medida em que a mudança climática evolui, tais extremos estão se tornando normais.

Os biocombustíveis – que no ano passado engoliram quase 40% da colheita norte-americana de milho – também foram apontados como parte do problema. Nos EUA, estão crescendo as pressões para reduzir a adição de biocombustíveis na gasolina. Produtores de carne e leite estão advertindo que não serão capazes de pagar a ração dos animais.

Mas as análises estão esquecendo os especuladores financeiros, que ampliaram sua atuação nos mercados. Quer saber como eles veem uma crise alimentar em gestação? Na semana passada, Peter Sorrentino, um administrador norte-americano de hedge funds respondeu: “É como se uma grande torneira de dinheiro tivesse sido aberta”.

Em junho, os mercados de derivativos agrícolas foram inundados com 89 bilhões de dólares em dinheiro especulativo. O número é cortesia do Barclays Bank, o principal agente em mercados de alimentos do Reino Unido, que apontou, este ano, a especulação como “um motor-chave” para a alta dos preços.

Um texto de analistas do Instituto de Sistemas Complexos da Nova Inglaterra convida à ação. Pesquisa realizada por eles isolou os biocombustíveis e a especulação como as causas centrais da elevação dos preços de alimentos nos últimos anos. Há meses, têm alertado para a necessidade de enfrentar a ameaça.

Programas predatórios de conversão de alimentos em etanol (biocombustíveis) e especulação crescente nos mercados mundiais de commodities criaram uma bolha de preços de alimento, pressionando por um pico inevitável dos preços em 2013. Agora, parece que este “choque de colheitas” virá mais cedo devido à seca, a não ser que medidas para reduzir a produção de etanol e controlar os especuladores sejam adotadas imediatamente.

Os modelos dos pesquisadores do instituto, já validados por previsões e acertos anteriores, sugerem que os nos picos de preço, embora inicialmente causados por choques de produção e demanda, serão exacerbados pela especulação financeira, provocando um salto ainda mais grave dos preços. Os pesquisadores também sustentam que os esforços para reformar os mercados têm sido muito lentos. As tentativas de regulação têm sido contestadas por manobras jurídicas nos Estados Unidos e estão atrasadas na Europa. Por isso, medidas que poderiam refrear a especulação não foram implementadas.



A crise no horizonte destaca a vulnerabilidade de um sistema agrícola que depende cada vez mais de negociações voláteis de um punhado de cereais-chave. Enquanto os países em desenvolvimento enfrentam encruzilhadas dramáticas sobre o futuro de seus sistemas de abastecimento, os movimentos por segurança alimentar reivindicam um projeto mais voltado para a diversidade de cultivos, resiliente às mudanças climáticas e controlado localmente. Passos rumo a estes objetivos poderiam incluir a construção de comércio regional e o plantio de sementes nativas, que frequentemente resistem mais a estiagens que cereais como o milho.

Mas a força política para executar muitas das medidas necessárias – inclusive a reforma do sistema global de comércio – está nas mãos dos países mais ricos. Sem uma mudança radical de nosso sistema agrícola, que inclua mecanismos de regulação para evitar que especuladores fixem os preços dos alimentos, as populações mais pobres do mundo continuarão a pagar o preço mais alto.

*\* Ativista e produtora de conteúdo no World Development Movement – em artigo, tradução de Antonio Martins, reproduzido pelo sítio Outras Palavras.*

---

### **Por Monsanto, sojicultores apelam à Casa Civil. Gerson Freitas Jr. – Valor Econômico. 17/08/2012**

Os produtores brasileiros de soja apelaram ao governo federal para que ajude a Monsanto a aprovar sua nova geração de transgênicos na China, último obstáculo para que a multinacional americana comece a vender as sementes no Brasil.

A variedade já está liberada para o cultivo comercial no Brasil e na Argentina, mas a Monsanto ainda precisa do aval dos importadores. Estados Unidos, União Europeia e Coreia do Sul deram o sinal verde, mas o maior comprador mundial de soja ainda não se manifestou.

A Monsanto há meses promove o novo produto, batizado de 'Intacta RR2 Pro', e tinha esperança de colocá-lo no mercado antes do plantio da safra 2012/13, que começa em meados de setembro e se estende até o fim do ano. Desenvolvido especificamente para o mercado brasileiro, a nova soja promete resistir ao ataque de lagartas e à aplicação do herbicida glifosato, além de render até 300 quilos por hectare a mais do que as variedades convencionais.

Na semana passada, a Associação Brasileira dos Produtores de Soja (Aprosoja) encaminhou uma carta à ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, solicitando que o governo "faça gestão junto à embaixada da China no Brasil no intuito de garantir que os eventos transgênicos novos para a cultura da soja já aprovados no Brasil sejam aprovados também pelo ministério da agricultura daquele país".

Segundo a entidade, a Monsanto já produziu sementes suficientes para o cultivo de 500 mil hectares e uma colheita estimada de 1,6 milhão de toneladas de soja - o que renderia à Monsanto um valor estimado em R\$ 57 milhões só com o pagamento de royalties (R\$ 115 por hectare). Essas sementes teriam de ser destruídas caso a aprovação da China não venha nas próximas semanas.

Glauber Silveira, presidente da Aprosoja, afirma que os produtores também vão amargar um "prejuízo" de R\$ 150 milhões com a não liberação da tecnologia, considerando o ganho de produtividade esperado.

"Nossa preocupação é grande, porque deixamos de plantar variedades melhores. Novas tecnologias estão sendo lançadas, e precisamos que haja um protocolo capaz de garantir uma liberação rápida nos países consumidores", afirma Silveira.

Segundo ele, a companhia poderia comercializar a semente, desde que fosse possível segregar a produção no Brasil. "Não haveria problema se essa soja ficasse no mercado interno, mas é difícil garantir que nada será exportado para a China", explica.

O representante dos produtores de soja conta que a Monsanto solicitou a intervenção da Aprosoja durante um evento da Associação Brasileira de Agribusiness (Abag), no dia 6. A entidade, que possui um histórico de reclamações da Monsanto por causa da cobrança de royalties sobre a soja Roundup Ready, não hesitou em estender a mão. "Continuamos brigando muito por causa dos royalties, mas essa é outra discussão. É do interesse de todos aprovar essa tecnologia. Hoje é a Monsanto, amanhã é a Embrapa", justifica.

A Monsanto nega, entretanto, que tenha solicitado qualquer tipo de manifestação dos sojicultores. Por meio de sua assessoria de imprensa, a empresa declarou que a iniciativa partiu da Aprosoja e que aguarda os trâmites de aprovação de sua tecnologia na China. A companhia não confirma quanto já produziu da nova semente e garante que nada foi comercializado até o momento.

---

### **Leonardo Sakamoto: Os alimentos que estão em risco de extinção no Brasil. Leonardo Sakamoto – Site do MST. 20/08/2012**

Há cerca de 800 alimentos que correm o risco de sumir do mapa, de entrar em extinção mesmo, como certos animais. Dezenas deles só no Brasil.

Xavier Bartaburu, um dos grandes repórteres de nossa geração, conhece o país de ponta a ponta.

Agora, ele está visitando comunidades brasileiras onde esses alimentos são produzidos de forma artesanal e sustentável para contar suas histórias. Garantir a preservação deles não é importante apenas por questões de biodiversidade, mas também porque esses alimentos nos lembram como chegamos até aqui e a nossa identidade.

Pedi para o Xavier um texto para o blog sobre esses alimentos em risco. Segue abaixo.

Coma enquanto é tempo

Deixemos de lado a ararinha-azul, por enquanto, e falemos da cagaita. E também da mangaba, do baru e do berbigão. E de outras dezenas de alimentos brasileiros que, como os bichos, correm igual risco de extinção. Afinal, comida, antes de ser refeição, também é ser vivo. E, como tal, pode sumir do mapa antes mesmo que você saiba de sua existência.

Veja a cagaita, fruta do Cerrado aparentada com a pitanga: enquanto ela não chega à sua mesa, os cagaiteiros vão sendo sumariamente derrubados para dar lugar a pasto para o gado e lavouras de soja.

O fato é que existe um patrimônio alimentar, tão valioso como ignorado, que há séculos consiste em fonte de subsistência e identidade para milhares de comunidades tradicionais no Brasil e no mundo.

Ou seja, essa população não só mata a fome e extrai renda desses alimentos como, em muitos lugares, faz da sua exploração uma expressão própria de suas tradições culturais. É o caso, por exemplo, das quebradeiras de babaçu do Maranhão, dos pescadores de Pirarucu no baixo Amazonas e dos índios Sateré-Mawé, produtores de guaraná nativo.

Proteger a biodiversidade alimentar seria, assim, uma maneira de também garantir a essas comunidades o acesso aos recursos naturais dos quais dependem. Da mesma forma que, com o devido apoio, as famílias podem estimular a produção e torná-la viável comercialmente – nesse caso, a demanda do mercado ajudaria a preservar o produto. Foi o que aconteceu no sertão baiano, de onde todo ano saem milhares de potes de geleia de umbu para correr o mundo.

Essa, claro, é a parte difícil. Afinal, quem quer saber de umbu num mundo onde quem dita as regras à mesa são o agronegócio e a indústria alimentícia? Não bastasse o desprezo do mercado, os pequenos produtores são ainda obrigados a conviver com a destruição do habitat – como ocorre nos manguezais sergipanos, onde vive o caranguejo aratu –, a dependência dos atravessadores e a falta de estímulo às gerações mais jovens, irremediavelmente impelidas ao êxodo rural.

Por sorte ainda tem quem goste de umbu ou de cagaita, e é desse pessoal que tem vindo o principal incentivo aos pequenos produtores. São, basicamente, chefs e gourmets empenhados em identificar, resgatar e divulgar sabores esquecidos ao redor do mundo. Alguns agem por conta própria, mas muitos estão conectados à Fundação Slow Food para a Biodiversidade, entidade criada há três décadas na Itália e que hoje tem mais de 100 mil associados em 150 países.

Sua bandeira é a chamada ecogastronomia, conceito que alia o prazer de se comer à consciência social e ambiental. Para a Slow Food, a comida, para ser de qualidade, deve também ser socialmente justa e ambientalmente limpa. Uma de suas ações nesse sentido é a criação da Arca do Gosto, uma lista que tem por objetivo divulgar o patrimônio mundial alimentar em vias de extinção.

Todos os produtos aqui citados pertencem à Arca brasileira – são 24 no total. No mundo, a lista ultrapassa os mil itens, da baunilha de Madagascar ao queijo da Transilvânia. A ideia é que, uma vez na Arca, um ingrediente avive o interesse do público e do mercado a ponto de estimular sua produção e, mais adiante, garantir sua presença no planeta. Paladares exigentes agradecem.

## **Entrega de fertilizantes ao consumidor final aumentou. Leilane Alves Pereira – Site do MAPA. 20/08/2012**

*Segmentos de defensivos e sementes também apresentam alta*

Dados da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda) apresentados na Câmara Temática de Insumos Agropecuários nesta segunda-feira (20), em Brasília, apontam que o setor calculou uma expansão entre janeiro e julho de 2012 de 3,5% em relação ao mesmo período de 2011.

No mesmo período, as importações de fertilizantes intermediários reduziram 6,7%, de 11.121 mil toneladas para 10.376 mil toneladas. As reduções observadas foram de 6,8% nos fertilizantes nitrogenados, 1,4% nos fosfatados e 7,8% nos fertilizantes potássicos.

Apesar da greve de fiscais em todo o país, nos primeiros sete meses deste ano foram entregues 14.339 mil toneladas de fertilizantes ao consumidor final. No mesmo período de 2011, foram entregues 13.854 mil toneladas. “Temos carga para desembarque que está há mais de 45 dias no navio, esperando liberação da papelada”, enfatizou David Roquetti Filho, diretor executivo da Anda.

O total de nutrientes (NPK) entregues alcançou evolução de 2,9% em relação ao mesmo período de 2011, saindo de 5.700 mil toneladas para 5.864 mil toneladas. Os fertilizantes fosfatados (P2O5) registraram aumento de 6,0%, passando de 1.930 mil toneladas em 2011 para 2.046 mil toneladas em 2012. Destacou-se as culturas de milho safrinha, algodão, plantio de cana-de-açúcar e uma aceleração nas entregas para safra de verão de soja/milho.

No período, o Estado do Mato Grosso concentrou o maior volume de entregas de fertilizantes, atingindo 2.822 mil toneladas, seguido de São Paulo com 2.034 mil toneladas, Paraná com 1.893 mil toneladas e o Rio Grande do Sul com 1.489 mil toneladas.

A produção nacional de janeiro-julho/2012 alcançou 5.358 mil toneladas, contra 5.428 mil de toneladas nos mesmos sete meses de 2011. Foram registrados crescimentos nas produções dos fertilizantes nitrogenados de 5,2% e fosfatados de 9,3%, enquanto os potássicos apresentaram redução de 9,0%.

### **Defensivos**

A Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef) identificou forte antecipação de compras na região Centro-Oeste e MATOPIBA, formada por municípios produtores do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. Entre janeiro e maio de 2012, o consumo de herbicidas subiu 40% com destaque para o aumento de consumo nas lavouras de milho, fumo, cana-de-açúcar e feijão e queda nos mercados de arroz e citros.

O segmento de inseticidas cresceu 55% no mesmo período devido ao crescimento nos mercados de algodão, soja, cana, citros e feijão. Foram usados menos inseticidas nos mercados de tomate, cereais e arroz. No geral, as vendas de defensivos acumuladas até maio de 2012, apresentaram crescimento de 36%, sendo que a variação cambial do período atingiu 19%.

## **Sementes**

Devido à quebra de safra nos Estados Unidos, a conjuntura para o mercado de sementes no Brasil em 2012/13 é positiva, de acordo com a Associação Brasileira de Sementes e Mudas (Abrasem). A previsão é de alta nos preços e nas exportações, com produção estimada em 165,92 milhões de toneladas, 1,9% a mais do que na safra 2011/2012.

Não devem haver problemas de oferta de sementes para a safra. Até o momento, Mato Grosso, Paraná, Goiás e Minas Gerais estão com mais de 80% das sementes vendidas.

---

## **Campanha combate rotulagem de transgênicos nos EUA. Alan Rappeport e Hal Weitzman – Valor Econômico, Financial Times. 21/08/2012**

Empresas de agronegócios e alimentos dos Estados Unidos estão gastando milhões de dólares em uma campanha contra uma proposta que, se aprovada, as forçaria a revelar o uso de ingredientes geneticamente modificados na composição de seus produtos.

As companhias alegam que o cumprimento de lei como essa resultaria em um aumento de custos que, segundo alertam, seriam repassados aos consumidores. Gigantes como Coca-Cola, PepsiCo, General Mills, Monsanto e DuPont já investiram US\$ 25 milhões para tentar derrubar a "Proposta 37", da Califórnia.

Milho, soja e canola estão entre os ingredientes que podem ser produzidos a partir de sementes transgênicas, que os tornam mais resistentes a pragas e mesmo a intempéries climáticas. Com a proposta da Califórnia, as empresas temem não poder mais comercializar seus produtos como "naturais" no mercado local; elas também estão preocupadas com a possibilidade de aprovação de regras semelhantes em outros Estados americanos.

"[A proposta] terá um impacto muito negativo e custos maiores", diz Kathy Fairbanks, uma porta-voz da campanha "No on 37", contra a proposta de lei. "Ela é baseada no medo, e não em fatos".

Os EUA não têm uma lei federal sobre a classificação de alimentos geneticamente modificados. Países europeus irritaram empresas americanas uma década atrás, quando começaram a impor exigências rígidas nesta frente. Coca-Cola e PepsiCo, as fabricantes americanas de bebidas que combinaram gastar US\$ 1 milhão em oposição à lei californiana, não quiseram comentar o assunto, mas são representadas na empreitada pela Grocery Manufacturer's Association, que é contra a proposta.

O grupo afirma que as companhias terão de começar a usar ingredientes orgânicos ou alterar suas embalagens na Califórnia. Qualquer uma das soluções significará custos maiores que serão repassados aos consumidores.

Monsanto e DuPont, duas das maiores produtoras de sementes transgênicas do mundo, são as maiores doadoras para a campanha que visa derrotar a proposta, com gastos de US\$ 4,2 milhões e US\$ 4 milhões, respectivamente. A Monsanto não quis fazer comentários ao "Financial Times". Limitou-se a postar uma mensagem em seu blog, na qual afirma que "os consumidores têm hoje amplas escolhas alimentícias, mas poderão ter essas escolhas negadas se a Proposta 37 prevalecer."

"Por baixo do lema deles do direito de saber, há uma campanha de marketing enganosa que visa estigmatizar a moderna produção de alimentos", afirma o blog. Já a DuPont afirmou apenas que "cumpre todas as exigências de designação dos produtos derivados da biotecnologia e acredita, em todos os casos, que a classificação deve ser verificável, não discriminatória nem ilusória".

A Food and Drug Administration (FDA) e a American Medical Association não encontraram evidências que mostram que os alimentos com ingredientes transgênicos sejam danosos. Mas defensores da lei afirmam que as companhias mentem sobre a composição de seus produtos e que os reflexos de longo prazo dos alimentos transgênicos não foram estudados.

---

### **Programa de Aquisição de Alimentos é ampliado. Tarso Veloso – Valor Econômico. 21/08/2012**

Pela primeira vez desde sua criação, em 2003, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) vai permitir a compra de animais de produtores familiares. Originalmente concebido pelo governo para aquisição da produção de alimentos, o PAA agora autorizará a comercialização de caprinos e ovinos de produtores da região de abrangência da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene).

A portaria que traz a novidade deve ser publicada no Diário Oficial da União (DOU) que circula hoje. Ela fixará em R\$ 6,65 por quilo do animal vivo, o preço de referência para aquisição de ovinos e caprinos, com limite máximo de compra de 20 cabeças por produtor. Os criadores devem ser proprietários de rebanho formado por até 50 animais e as aquisições podem ser realizadas até 31 de dezembro de 2012. Os frigoríficos serão responsáveis por abater, armazenar e congelar a carne, e receberão pagamento de R\$ 5 por quilo.

A medida foi tomada para auxiliar os produtores nordestinos que enfrentam a pior estiagem dos últimos 50 anos. "Essa medida se soma a outras tomadas pelo governo para minimizar os prejuízos do produtor na região. Se ele tiver que se desfazer de seus animais, ele sai da seca mais pobre. É isso que queremos evitar", disse a ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello. O PAA é financiado por recursos dos Ministérios do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e do Desenvolvimento Agrário (MDA).

A partir da publicação da portaria, o cadastro dos produtores - que já estava em curso - começa a valer para a comercialização. Por enquanto, apenas Pernambuco já fez suas contas. "No Estado, a remuneração deve ser cerca de R\$ 160 por animal, se levarmos em conta uma média de 24 quilos a R\$ 6,65. Sem esse mecanismo, os mesmos animais seriam vendidos por até R\$ 50. Ao todo, o Pernambuco deve gastar R\$ 41 milhões com aquisição e processamento de animais, beneficiando mais de 9,4 mil famílias", disse Tereza Campello.

A ministra reforça que o programa tem como meta garantir a renda para que o produtor não seja penalizado quando a estiagem acabar. "Com o preço dos insumos em alta, fica mais difícil arcar com os custos. Queremos evitar que o produtor seja pressionado a vender seu rebanho por preços muito baixos. Quem planta, por exemplo, tem a opção de cultivar a terra daqui a alguns meses. Mas quem cria animais não tem a mesma oportunidade", disse.

Desde o início da seca no Nordeste, o governo já adotou medidas no valor de R\$ 2,7 bilhões para reduzir a "vulnerabilidade" da população atingida pela estiagem. Dentre as principais ações

foram recuperados 2,4 mil poços artesianos, construção de cisternas, operações de 3,3 mil carros-pipa, liberação de R\$ 1 bilhão em crédito, antecipação do pagamento do Garantia-Safra para quem perdeu as lavouras e venda subsidiada de milho para alimentação animal.

---

## Indicadores de pobreza e fome apresentam melhora – Valor Econômico. 21/08/2012

As políticas públicas de combate a pobreza ganharam vulto e se multiplicaram no Brasil nos últimos anos. O Plano Brasil Sem Miséria, que comemorou um ano em julho, reforça programas que já estavam em curso como o Bolsa Família e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), uma das ações do Fome Zero que promove acesso a alimentos às populações em situação de insegurança alimentar e impulsiona a inclusão social e econômica no campo por meio do fortalecimento da agricultura familiar.

O governo também cria novos programas como Brasil Profundo, voltado a famílias que moram em lugares distantes como Pantanal, floresta Amazônica, regiões do Norte de difícil acesso e pequenos municípios do Nordeste; e o Bolsa Verde que garante R\$ 300 a cada trimestre a famílias em situação de extrema pobreza dentro de florestas e áreas de reservas extrativistas que produzem com critérios de sustentabilidade. Cerca de 12 mil famílias foram beneficiadas por esse programa no primeiro semestre deste ano.

### Moto - contínuo

A pobreza no Brasil e no mundo

#### No Mundo

■ <b>22%</b> da população dos países em desenvolvimento vivem com menos de US\$ 1,25 ao dia	■ <b>43%</b> dos habitantes de países em desenvolvimento vivem com menos de US\$ 2 ao dia	■ <b>2 bilhões</b> de pessoas ganharam acesso a água de qualidade entre 1990 e 2010	■ <b>200 milhão:</b> de pessoas conseguiram saneamento básico entre 1990 e 2010
--	--	--	--

Ainda sem números fechados sobre os resultados dos programas, o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), aposta em mecanismos como o Busca Ativa que localiza famílias em situação de extrema pobreza nos lugares mais distantes do país. "Nosso esforço agora é alcançar pessoas que estão em situações tão vulneráveis que não recebem sequer a informação sobre os programas do governo", afirma Tiago Falcão, secretário extraordinário de Superação da Extrema Pobreza, órgão ligado ao Ministério do Desenvolvimento Social (MDS). Os programas de buscas resultaram no cadastramento de 687 mil famílias que ainda não faziam parte de nenhum programa do governo.

O objetivo do Brasil Sem Miséria é ambicioso: erradicar a pobreza extrema até 2014. Os resultados das ações desenvolvidas até agora devem ser divulgados em setembro. Mas os desafios ainda são grandes. O Brasil tinha em 2010 cerca de 16,2 milhões de pessoas em situação de pobreza extrema, em famílias com renda per capita mensal inferior a R\$ 70,00.

No campo, o Brasil Sem Miséria foca o aumento da produção do agricultor com acompanhamento técnico, oferta de insumos, construção de cisternas em locais de seca e facilitação do acesso ao mercado com o aperfeiçoamento do PAA. Hoje, mais de 35,5 mil famílias recebem assistência técnica no Nordeste e em Minas Gerais. Neste ano, outras 93,4 mil famílias serão atendidas.

"Este tipo de política gera resultado positivo porque não tem cunho assistencialista, mas trabalha na transferência de renda, na manutenção da criança na escola, no acesso aos mercados para a produção da agricultura familiar", afirma Muriel Saragoussi, coordenadora da Campanha Cresça da Oxfam. A organização internacional, que no Brasil trabalha no combate a pobreza, acredita que dois pontos são fundamentais para tirar pessoas da miséria no país. Um deles, diz Muriel, é o fomento à agroecologia, forma de produção que mais se adapta à agricultura familiar já que o sistema protege o solo, a água e propiciar a variedade de produtos, que garante a resiliência do pequeno produtor. O outro, é a necessidade de reforçar programas de gênero já que as mulheres são hoje as grandes produtoras de alimentos no mundo.

Nas últimas décadas, houve uma melhora de forma geral na questão da fome em todo o mundo, principalmente em algumas regiões da América Latina, Ásia e China. Em 2006 e 2008, a crise dos alimentos causada por uma série de fatores, entre eles a demanda por biocombustível e especulação de derivativos, comprometeu essa evolução. "As famílias pobres gastam grande parte de seus rendimentos com a alimentação. Quando os preços dos alimentos sobem, elas deixam de fazer as três refeições diárias e consomem produtos mais baratos", afirma Renato Maluf, ex-presidente do Conselho Nacional de Segurança Alimentar

Na opinião de Maluf, as fortes políticas do governo de combate à fome protegeram o país de crises desta natureza. "Em termos de disponibilidade de alimentos o Brasil está longe de entrar numa crise", afirma. "No entanto, hoje o problema no Brasil é o modelo predominante de alimentação industrial. A presença de produtos transformados e alimentação fora de casa mudaram a dieta do brasileiro", diz.

Um estudo realizado pelo Ministério da Saúde mostra que a proporção de pessoas acima do peso no país passou de 42,7%, em 2006, para 48,5%, em 2011. No mesmo período, o percentual de obesos subiu de 11,4% para 15,8%.

---

## **Tecnologias sociais do país atraem estrangeiros. Gisele Paulino – Valor Econômico. 21/08/2012**

Delegações de países africanos visitam propriedades de pequenos agricultores em Arapiraca (AL): problemas parecidos em diferentes partes do mundo

A fila de países interessados em enviar delegações para conhecer de perto os programas de combate à pobreza do Brasil está cada vez mais longa. Desde agosto de 2011, cerca de 20 países, principalmente da África, enviaram seus representantes para conferir as iniciativas. Até mesmo países emergentes, como a Rússia, e mais desenvolvidos, como o México, estão na fila para conhecer de perto programas como Bolsa Família, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e tecnologias sociais brasileiras, por exemplo, para a construção de cisternas e poços artesianos.

O Centro de Excelência contra a Fome do Programa Mundial de Alimentos (PMA), parceria do governo brasileiro e da Organização das Nações Unidas (ONU), que trabalha na ajuda humanitária em zonas de conflito como no chifre da África, Haiti e Ásia, tem ampliado sua atuação em cooperação técnica com países como Moçambique, Malawi, Guiné Bissau e Ruanda, que agora partem para uma nova fase. "A ideia central é impulsionar o desenvolvimento desses



países por meio de transferência de conhecimentos sobre programas que estão dando certo no Brasil", conta Daniel Balaban, diretor do Centro de Excelência contra a Fome.

Um dos grandes avanços no Brasil foi a aprovação da Lei da Merenda Escolar, em 2009, que estipula que 30% do orçamento para a merenda das escolas públicas sejam gastos com produtos da agricultura familiar. Essa política vai de encontro às necessidades de países da África. No Brasil, a merenda tem um orçamento de 3,5 bilhões. Isso significa que pelo menos R\$ 1 bilhão vai diretamente para o campo sem intermediários.

"Na África, um programa como esse cria dinamismo em diversos setores. Faz o agricultor permanecer no campo, impulsiona a economia e deixa as crianças bem alimentadas na escola", afirma Balaban. "A alimentação na primeira infância é muito importante, pois influencia o desenvolvimento do indivíduo por toda a vida", explica. O Níger, por exemplo, que esteve com sua delegação no Brasil, é um dos países com menores índices de segurança alimentar na África e atualmente enfrenta uma séria seca.

Em geral, as delegações ficam duas semanas no Brasil, visitam ministérios como os da Educação, do Desenvolvimento Agrário e do Desenvolvimento Social para entender os principais programas de cada órgão. A segunda etapa acontece no campo. Os visitantes são levados para conhecer pequenos produtores e entender como as vendas para as prefeituras podem ser feitas, visitam escolas e restaurantes de preços populares.

O PMA escolhe municípios, geralmente no Nordeste, com dilemas e características parecidas às do país visitante. O problema do pequeno agricultor é parecido em diferentes partes do mundo. Muitas vezes, embora não falem a mesma língua, eles conseguem se entender. Quando vão ao Nordeste, os visitantes sentem-se bastante identificados. A ideia é que os países criem resiliência por meio de programas que ajudem a superar problemas históricos no campo.

Moçambique, por exemplo, já estuda a criação de políticas públicas inspiradas no modelo brasileiro. O PMA também reforça a ideia de que esses países mais vulneráveis no campo desenvolvam a atuação da sociedade civil, importante para assegurar a continuidade do programa se houver mudança no governo.

O setor privado no Brasil também se mostra mais aberto aos programas públicos de combate à pobreza. Durante as discussões sobre combate a pobreza na Rio+20, o Grupo Pão de Açúcar anunciou a comercialização do arroz orgânico de grupos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) como forma de contribuir com o plano Brasil sem Miséria. Até dezembro, a rede varejista deve comprar 15 toneladas do arroz da Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita, ligada ao MST.

Além de abrir o mercado, a iniciativa ajuda as cooperativas a se organizarem para atender outras empresas. "Um dos maiores desafios das grandes empresas na hora de comercializar com o pequeno agricultor é a questão da embalagem adequada, logística de entrega e capacidade de atender grandes demandas", diz Paulo Pompilho, diretor de Relações Institucionais do grupo.

---

**Basf investirá € 500 milhões no Brasil em cinco anos. Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico. 22/08/2012**

*Segundo Andreas Kreimeyer, responsável global por P&D da Basf, portfólio da companhia foi ajustado para ser inovador*

A multinacional alemã Basf vai manter seus planos de investimentos no Brasil, mesmo com o cenário de desaceleração econômica mundial. O grupo prevê aportes de € 500 milhões para os próximos cinco anos - € 100 milhões por ano -, além dos € 500 milhões que serão destinados para a construção da fábrica de ácido acrílico na Bahia, afirmou ao **Valor** Alfred Hackenberger, presidente do grupo para Brasil e América do Sul.

Esses investimentos no Brasil são os maiores já feitos pela multinacional alemã em países emergentes nos últimos anos. "O momento atual [é de desaceleração], mas a Basf faz planos a longo prazo, não depende de flutuações, de conjuntura", afirmou o executivo.

A fábrica de ácido acrílico (matéria-prima utilizada para a produção de fraldas descartáveis e tintas, por exemplo) entrará em operação no quarto trimestre de 2014, em Camaçari. Além do polo baiano, a companhia vai elevar a capacidade de produção de suas duas outras fábricas - o complexo industrial de Guaratinguetá (SP), onde se concentram os negócios químicos e de defensivos, e de São Bernardo, no Grande ABC, unidade de tintas. Dona da marca Suvinil, a Basf também atua em outros segmentos, como o automobilístico.

Segundo Hackenberger, a estratégia global do grupo mudou. "Vamos expandir as vendas em países emergentes. A meta é atingir 45% da receita global até 2020."

Apesar da crise global, a Basf manteve aportes em pesquisa e desenvolvimento (P&D) para reforçar seu portfólio em inovação sustentável, considerado estratégico para a companhia. Em visita ao Brasil, Andreas Kreimeyer, responsável global por P&D e membro da junta diretiva da Basf, afirmou ao **Valor** que o portfólio do grupo mudou nos últimos dez anos, em função de seus produtos de inovação. Em 2011, a Basf destinou € 1,6 bilhão para P&D e neste ano o orçamento subiu para € 1,7 bilhão. No país, foram destinados R\$ 100 milhões ano passado em P&D.

"A Suvinil reforça esse posicionamento [em inovação]. A marca se move de forma pró-ativa para o mercado de revestimentos e hoje é líder no segmento premium. Inovação é a chave para isso (...). Hoje 72% das vendas da marca Suvinil são de produtos lançados nos últimos cinco anos. O agronegócio é um mercado importante para a Basf na América Latina. O índice de vitalidade desse segmento é impressionante: 54% das vendas em 2011 foram de produtos lançados nos últimos oito anos. Um exemplo de inovação é a soja tolerante a herbicidas desenvolvida pela Basf em parceria com a Embrapa [Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária]", disse Kreimeyer.

Segundo ele, nos últimos dez anos a multinacional se desfez de ativos e comprou outros, em um movimento para reforçar o portfólio da companhia em produtos focados especialmente aos clientes, o que torna o grupo mais resistente aos ciclos econômicos.

Outro exemplo inovador, afirmou Kreimeyer, é a futura fábrica da Bahia, que produzirá em escala global ácido acrílico, acrilato de butila (para tintas) e polímeros superabsorventes (para fraldas descartáveis). Além disso, a Basf começará a produzir acrilato de 2-etil-hexila, matéria prima para adesivos e revestimentos, em Guaratinguetá - a primeira fábrica para esse produto na América do Sul. "Esperamos que esse investimento traga impacto positivo de cerca de US\$ 300

milhões por ano na balança comercial do país, com a redução de US\$ 200 milhões em importações e US\$ 100 milhões por meio de aumento das exportações."

---

### **Lei restringe produtor de Minas Gerais – Valor Econômico. 23/08/2012**

Desde 1952, a legislação brasileira impede a produção de queijo a partir de leite cru, aquele que não passa por processo de pasteurização, por razões sanitárias. Como nos Estados Unidos, mas diferentemente dos europeus. No entanto, a lei brasileira coloca praticamente na "clandestinidade" o queijo mineiro produzido por quatro microrregiões - Canastra, Serro, Araxá e Alto Paranaíba - e determina que sua comercialização deve ficar restrita ao Estado de Minas Gerais porque o produto não pode obter o Selo de Inspeção Federal (SIF).

Cerca de 27 mil famílias de pequenos produtores estão envolvidas com esta fabricação, segundo a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (Emater-MG), cuja tradição foi herdada dos colonizadores portugueses. "O país não reconhece a própria riqueza", diz o produtor João Leite, diretor da Associação de Produtores de Queijo da Canastra (Aprocan). A associação defende que uma lei antiga não pode continuar a tratar microprodutores com o rigor dedicado à grande indústria. "Não somos contrários à fiscalização. Ela só tem que levar em consideração uma forma de produção secular", defende ele.

O queijo mineiro é considerado um produto de "terroir", palavra francesa que não tem tradução para o português, mas diz respeito à especificidade de determinadas condições de microclima, solo e tradição que fazem um produto ser considerado único no seu gênero e importante para a preservação da tradição de um povo. Ele é tão artesanal quanto os queijos seculares da França, Itália e Portugal, que contam com regras para viabilizar a sua comercialização em seus países.

---

### **DuPont coloca fichas no Brasil para crescer. Gerson Freitas Jr. – Valor Econômico. 23/08/2012**

*"Serão os melhores anos da DuPont em defensivos agrícolas", afirma Tenerelli*

O Brasil deve assegurar à DuPont metade do crescimento global esperado com a venda de novos agroquímicos nos próximos anos, o suficiente para mais do que dobrar a receita da divisão agrícola da multinacional no país.

De acordo com Mario Tenerelli, vice-presidente de Produtos Agrícolas para o Brasil, nos próximos "cinco a seis anos", a DuPont espera engrossar em US\$ 1,2 bilhão seu faturamento global com o lançamento de um novo grupo de moléculas descobertas pela companhia. A expectativa é que pelo menos US\$ 600 milhões sejam faturados aqui.

Trata-se de uma meta ambiciosa. Em 2011, as vendas domésticas de defensivos agrícolas somaram US\$ 550 milhões - um crescimento anual de 27%. Em todo o mundo, a divisão agrícola da DuPont faturou pouco mais de US\$ 3 bilhões no período. O número exclui os negócios da Pioneer, unidade de sementes da companhia, que faturou US\$ 6,03 bilhões na última temporada.

Mesmo após o forte crescimento dos últimos anos (o mercado doméstico dobrou de tamanho desde 2005), "as perspectivas para o Brasil continuam extremamente positivas", anima-se Tenerelli. "Serão os cinco ou seis melhores anos da DuPont em defensivos", aposta. Para o executivo, a expansão da área plantada nos próximos anos deve assegurar o aumento das vendas.

Só as lavouras de soja, cultura que responde por metade da receita da múlti com agricultura no Brasil, devem avançar em cerca de 10 milhões de hectares até o fim da década, um aumento de 40% em relação ao ano passado. Só na safra 2012/13, projeta, a área deve crescer mais de 2 milhões de hectares, para pouco mais de 27 milhões. A área de milho também deve crescer "de forma atraente" - cerca de 4 milhões de hectares ou 26%, para 19 milhões de hectares

Apesar do momento desfavorável para o setor, a DuPont também aposta suas fichas na cana-de-açúcar. "Sabemos que há vários desafios econômicos e agrícolas de curto prazo, mas o Brasil precisa do etanol em sua matriz energética e essa tendência vai se sobressair sobre as demais", afirma Tenerelli. De acordo com ele, o país precisa dobrar sua produção de cana para fazer frente à demanda doméstica por álcool.

Para o executivo, o crescimento do mercado brasileiro deve acontecer em um momento no qual a empresa começa a "colher os frutos" de seus investimentos em pesquisa e desenvolvimento nos últimos anos. "Só no Brasil, vamos lançar no mínimo dois novos produtos em cada um dos próximos seis anos", afirma. Globalmente, a DuPont investe cerca de US\$ 250 milhões por ano em pesquisa e desenvolvimento.

A expectativa da companhia é reforçar principalmente o portfólio de inseticidas (categoria que responde por aproximadamente 40% das vendas no Brasil) para soja, milho, café e hortifruti. A categoria deve responder por metade dos lançamentos esperados. "Em sua pesquisa, a DuPont foi muito bem sucedida na descoberta de novos inseticidas. São produtos de impacto ambiental muito menor, doses baixas e menos resíduos", garante. Os novos defensivos devem garantir a entrada em dois segmentos nos quais a empresa ainda não atua: o de tratamento de sementes e o de pastagens.

O executivo não revela a previsão de crescimento para 2012, mas pondera que a meta é crescer "um ou dois pontos percentuais acima do mercado". De acordo com o Sindag, entidade que representa os fabricantes de defensivos, o mercado deve crescer entre 3% e 5% neste ano em receita. Em 2011, a DuPont participou com 6,5% das vendas nacionais de defensivos, que somaram US\$ 8,7 bilhões.

---

## **Petrobras vai reavaliar projetos de duas fábricas de fertilizantes – Folha de São Paulo, Mercado. 23/08/2012**

*Fábricas envolvem investimentos de US\$ 5,9 bi em MG e no ES*

A Petrobras vai reavaliar projetos da área de gás e energia de seu plano de negócios 2012-2016 no valor de US\$ 5,9 bilhões. Os dois mais importantes são as unidades de fertilizantes e outros produtos químicos de Uberaba (MG) e Linhares (ES).

Os projetos são tidos como estratégicos pelo governo para zerar o alto déficit do país na importação de fertilizantes, principal entrave à expansão da produção agrícola. Somente no primeiro semestre as compras desses produtos no exterior somaram US\$ 3,8 bilhões.

Somadas, as duas unidades compreendem US\$ 3,2 bilhões em investimento. Os projetos que serão reavaliados ainda não foram aprovados pelo conselho de administração da estatal nem suas obras foram iniciadas.

Do total de investimentos previstos pelo plano de negócios -US\$ 236,5 bilhões-, pouco mais de 10% -US\$ 27,8 bilhões- estão sendo reavaliados.

As fábricas de Uberaba e de Linhares foram planejadas para produzir insumos para fertilizantes (amônia e ureia) e outros produtos químicos. De acordo com o plano de negócios, deveriam estar prontas em 2015 (MG) e 2017 (ES).

Também estão sob reavaliação trechos de gasodutos, um terminal de regaseificação (conversão de gás importado por navios do estado líquido novamente para o gasoso) e três termelétricas.

A Petrobras estima ainda ter sobra de gás a partir de 2016, gerada pelo descompasso entre a expansão da oferta e do consumo.

Além da produção própria, a empresa tem contrato em vigor com a Bolívia que prevê a compra diária de 30 milhões de metros cúbicos de gás. Com isso, em 2016 estarão disponíveis 139 milhões de metros cúbicos por dia, para um consumo de 124 milhões de metros cúbicos.

---

## **Renda estimula demanda por fertilizantes especiais. Carine Ferreira – Valor Econômico. 24/08/2012**

*"É mais barato e eficiente aumentar a produtividade", diz Pansa, da Nutriplant*

A demanda brasileira por fertilizantes especiais - micronutrientes, extratos vegetais e aminoácidos - ganhou um impulso a mais: a estiagem nos Estados Unidos, que elevou ainda mais os preços dos grãos, entre os quais a soja. A maior renda dos produtores brasileiros deverá ser um estímulo adicional para um consumo que já vem apresentando forte expansão nos últimos anos.

O uso desses produtos contribui para melhorar a defesa vegetal e o equilíbrio da nutrição das plantas, como se fossem vitaminas. Estima-se que eles podem elevar a produtividade em cerca de 10%, a partir de um custo adicional inferior a 1%.

Uma das empresas que continuam a apostar no crescimento desse mercado é a Nutriplant. A empresa fez recentemente uma reestruturação com foco em micronutrientes foliares e outros produtos para nutrição de plantas, considerados mais rentáveis. "É mais barato e eficiente aumentar a produtividade do que ampliar a área plantada. A gente percebeu um crescimento acentuado nos últimos anos neste mercado", diz Ricardo Pansa, diretor-presidente da Nutriplant.

A empresa, que atende a todos os tipos de produtores, tem fechado também contratos com grandes multinacionais que atuam na produção agrícola. E pretende ganhar participação no mercado.

A Nutriplant trabalha com três linhas de micronutrientes solúveis, produtos que ajudam a aumentar a eficácia de fertilizantes e defensivos. A companhia acredita que o mercado de fertilizantes especiais alcance R\$ 7 bilhões ao ano, apesar de a taxa de uso ainda ser considerada baixa. E cita uma pesquisa realizada pela Esalq/USP que comprova a viabilidade econômica. No estudo, o uso de determinado produto na cultura da soja representa um custo adicional de R\$ 7 por hectare para um rendimento extra de R\$ 930 por hectare.

O lançamento de alguns produtos a partir do próximo ano está nos planos da companhia, que não informa quanto vai investir nessa ampliação de portfólio. "A gente imagina que a velocidade de penetração desses produtos seja bastante rápida", observa Pansa. Entre as novas tecnologias pesquisadas, há microrganismos que poderão substituir defensivos ou aumentar a produtividade.

Um dos termômetros do aumento da demanda está no crescimento superior a 60% da receita operacional líquida da empresa no primeiro semestre deste ano frente ao mesmo período de 2011 - de R\$ 15,2 milhões para R\$ 24,5 milhões.

Um outro exemplo de crescimento vem da Fertilizantes Heringer. Com um leque amplo para as mais diversas culturas (cerca de 35 produtos), os fertilizantes especiais, que representavam 10% do volume comercializado em 1996 e 1997, saltaram para 35% em 2011.

No primeiro semestre deste ano, a fatia cresceu mais um pouco - foi de 39%, ou 747 mil toneladas em um total vendido de 1,928 milhão de toneladas, incluindo também os produtos tradicionais. Como a demanda é maior no segundo semestre, a empresa acredita que deverá fechar 2012 com percentual acima dos 35% de participação no ano passado.

"O que faz com que cresça [mercado] é o resultado que o produtor tem, o que vem acontecendo", diz Wilson Mardonado, diretor de relações com investidores da Heringer.

Junto com universidades, a empresa também pesquisa novos produtos. Um dos desafios é potencializar o uso do nitrogênio e não deixar que a ureia se perca quando aplicada no solo. O Brasil consome menos o nutriente em relação ao resto do mundo, conforme Mardonado.

A Associação Brasileira das Indústrias de Tecnologia em Nutrição Vegetal (Abisolo), que representa cerca de 70% das empresas desse segmento, estima que somente o mercado de micronutrientes gire em torno de R\$ 2 bilhões ao ano, embora não existam números precisos sobre o segmento. O aumento médio da produtividade é de 7% a 10%, mas pode ser muito maior dependendo do nível tecnológico do produtor, acredita Gilberto Pozzan, diretor de fertilizantes foliares e micronutrientes da Abisolo. Para ele, o custo é inexpressivo. No caso da soja, diz, é necessário investir um valor equivalente a meia saca do grão por hectare, o que em alguns casos representa menos de 1% de custo adicional frente aos insumos tradicionais.

"O aquecimento do mercado mostra que o produtor está acreditando na tecnologia", diz Pozzan. Muitas empresas de defensivos, por exemplo, estariam interessadas em entrar no segmento, na avaliação dele. "A própria nutrição mais equilibrada da planta diminui a demanda por defensivos".

Com boas perspectivas, esse mercado deverá passar por uma consolidação, com as pequenas empresas "engolidas" pelas grandes. É o que prevê Richard Brostowicz, diretor da Informa Economics FNP. Para ele, as pequenas companhias, que faturam menos de R\$ 1 milhão, devem

sair do mercado ou ser compradas. Por isso, o número de empresas deve diminuir, apesar de "novos entrantes" no ramo. De acordo com a Informa, o setor de fertilizantes foliares cresce de 8% a 9% ao ano, num mercado estimado em 135 milhões de litros por ano. A soja representa cerca de 55% desse total. No futuro, além da soja, deverá haver um maior crescimento em milho safrinha e arroz.

---

## **Caisan debate com estados segurança alimentar e nutricional – Site do MDS. 24/08/2012**

*Evento reunirá em Brasília, na próxima semana, representantes de governos estaduais, da sociedade civil e convidados*

Na próxima terça (28) e quarta-feira (29), a Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional (Caisan) promove a Oficina Nacional sobre a Consolidação do Sisan. O objetivo é discutir o processo de construção do Sisan, de fortalecimento das relações intersetoriais e de participação social na Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional em nível federal, estadual e municipal.

O Sisan é um sistema público, de abrangência nacional, instituído em 2006 (Lei 11.346). A consolidação do sistema é uma conquista da sociedade brasileira e reflete o compromisso do governo federal com o tema da segurança alimentar e nutricional. É resultado de ampla mobilização pela garantia do Direito Humano à Alimentação Adequada e Saudável.

Participam da oficina convidados de todos os estados. Serão 60 representantes de governos estaduais, 60 representantes da sociedade civil – por meio dos Conselhos Estaduais de Segurança Alimentar e Nutricional – e mais 30 convidados. O evento será realizado no Centro de Eventos e Treinamento (CET), em Brasília.

A Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional é integrada pelos 19 ministérios que hoje fazem parte do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) e está sob a coordenação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS).

---

## **Momentos. Roberto Rodrigues – Folha de São Paulo. 25/08/2012**

O debate sobre segurança alimentar foca a "perna" do abastecimento e esquece da "perna" da produção

A fragilidade dos modelos de segurança alimentar implementados em todo o mundo ficou exposta pela dura seca que provocou quebra da safra americana de milho e soja da ordem de 120 milhões de toneladas -quase a totalidade da safra brasileira desses dois produtos.

Internamente, o governo americano está às voltas com uma complicada questão: os setores que usam o milho para alimentação humana ou animal estão pressionando o governo para reduzir os incentivos à produção de etanol, que consome 40% da safra de milho.

Até a ONU, preocupada com o encarecimento dos alimentos, entrou nessa linha. Se o governo Obama aceitar as razões invocadas por esses setores, terá de importar combustível fóssil, caro e

poluente, com consequências negativas para a sociedade americana. Se não aceitar, carnes e lácteos ficarão mais caros.

Por outro lado, os elevados preços do milho e da soja estimulam produtores desses grãos no hemisfério Sul, que já se preparam para plantar grandes safras.

Enquanto isso, os produtores de frangos e suínos daqui, não conseguindo repassar as altas de custo aos consumidores, reduzem a criação de pintos e de leitões. Estaremos, então, importando uma inflação sobre a qual não temos responsabilidade, uma vez que produzimos o suficiente para nosso abastecimento e grandes sobras exportáveis.

Que lições tirar desse drama?

Em primeiro lugar, que a discussão sobre segurança alimentar é precária, porque centrada só em sua "perna" do abastecimento. Governos se preocupam com ela, porque é ela que dá votos: povo abastecido não cria problemas. Mas esquecem que não há abastecimento sem a outra "perna", a da produção. Esta nunca é olhada com a mesma atenção -sempre fica no ar a sensação de que "alguém" vai produzir o suficiente, e não é assim. Políticas públicas são necessárias para um setor tão sensível a um fator incontrolável como o clima.

Estoque de segurança é outro tema delicado. Estoques deprimem preços, porque o mercado, sabendo de excedentes, não valoriza os produtos. Financiá-los é dever de governos e da governança global.

E países como o nosso deveriam aproveitar esse desastre e negociar um plano de longo prazo que nos permitisse avançar sobre os mercados com aumento de produção de carnes e de etanol. Mas não só para aproveitar este ano de crise, e sim com um projeto estratégico que considerasse a sustentabilidade produtiva para mais de uma década.

Não parece que essa visão esteja presente entre nossos formuladores de políticas. Ao contrário. Em recente seminário no GVAgro sobre gestão territorial agrícola, o pesquisador da Embrapa Evaristo Miranda disse: "Nos últimos 15 anos, um número significativo de áreas foi destinado à proteção ambiental e ao uso territorial exclusivo de populações minoritárias. Parte dessas iniciativas foi feita sem o conhecimento de seu real alcance territorial. Hoje, as áreas protegidas abrangem 30% do Brasil. E a área ambiental reivindica a proteção adicional de quase 3 milhões de km<sup>2</sup>. A demanda de novas terras indígenas é da ordem de 100 mil a 150 mil km<sup>2</sup>. As demandas para atender toda a reforma agrária são da ordem de 2,3 milhões de km<sup>2</sup>. Além disso, cerca de 5.000 comunidades quilombolas reivindicam aproximadamente 250 mil km<sup>2</sup>. Finalmente, a expansão agrícola nos próximos 20 anos também prevê a ocupação adicional de mais 100 mil a 150 mil km<sup>2</sup>. Sem discutir a legitimidade de nenhuma dessas demandas adicionais de terra, consideradas como excludentes, elas exigem cerca de 6 milhões de km<sup>2</sup> -e não cabem no Brasil. Ou serão amputadas de áreas agrícolas, como vem ocorrendo".

Resolver essas questões faz parte de um programa amplo de avanço do nosso agro, e vivemos um momento oportuno para tal discussão.

---

## **Seca nos Estados Unidos pode deixar comida mais cara – Site da CNA. 27/08/2012**

Secou o solo do Tio Sam e está chovendo negócios na agricultura brasileira. A estiagem severa na América já fez aumentar em quase 600% as exportações de milho do Brasil e, segundo o



Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), vamos produzir na safra 2012/2013 pelo menos cinco milhões de toneladas de soja a mais que eles.

A última estimativa divulgada pelos americanos é de uma safra de 73,2 milhões de toneladas de soja, a menor em 24 anos, e 273 milhões de toneladas de milho, 13% a menos que a safra anterior. No Brasil, a colheita da soja poderá atingir 83,7 milhões de toneladas, de acordo com as principais consultorias de economia agrícola, ou 78 milhões de toneladas, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Assim como o atual sucesso do milho brasileiro no mercado internacional (principalmente os mercados chinês e árabe), que tende a aumentar neste segundo semestre, as vendas da nossa soja no mercado futuro seguirão a mesma tendência. E o plantio pode expandir 10%. “Em curto prazo é bom para o Brasil, vamos vender grãos com preços altos, mas podemos nos preparar para uma alta na inflação, no preço dos alimentos”, explica o matemático Edgar Beauclair, professor da Escola Superior Luiz de Queiroz (Esalq/Usp). “Com a quebra da safra americana, os preços dos grãos [soja, milho e trigo] disparam no mercado internacional. Estas commodities são base para indústria de alimentos, das carnes bovina, suína e de frango ao pão. Os grãos serão os vilões da inflação nos próximos anos”, afirma.

Segundo o matemático, a cada 10% de alta nos preços das commodities, definidas na Bolsa de Chicago, o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), índice que mede a inflação brasileira, sobe 0,8 pontos percentuais. “Nos sete primeiros meses deste ano, o preço internacional da soja subiu 35%”, explica.

A tese já começou a ser sentida na prática no Brasil. A BRF Brasil Foods, dona das marcas Perdigão e Sadia, anunciou no início da segunda quinzena de agosto, reajustes de 5% a 10% em seus produtos derivados de frangos e suínos para compensar os custos de produção. Em 2011, o reajuste foi de 3%. Em Palhoça (SC), criadores de frangos descartaram ovos e pintinhos vivos em valas por não conseguirem comprar ração e, no último dia 23 de agosto, em Campinas (SP), um produtor de frangos distribuiu 20 mil pintinhos no centro da cidade pelo mesmo motivo. Dos itens da cesta básica, o tomate subiu 437,1%, a carne bovina, 4,1%, o feijão 9,7% e a farinha de trigo, 5,1%.

Outra conseqüência da seca nos Estados Unidos provavelmente será refletida no preço dos insumos agrícolas nos próximos meses, alertou o presidente da Câmara Setorial de Insumos Agropecuários, Luiz Antonio Pinazza.

Segundo ele, a estiagem na América está provocando especulações no mercado, criando uma espécie de bolha. “A demanda adicional por insumos cria um ambiente de euforia no campo. O mercado de insumos estima um crescimento de área plantada com soja de 2 a 3 milhões de hectares”, diz ele. Entre os itens que mais devem subir constam as sementes, já que os preços altos incentivarão o plantio em países que têm esta condição, e os fertilizantes, já responsáveis pelo alto custo de produção no Brasil.

O governo dos Estados Unidos enfrenta um dilema: ou desacelera o programa de etanol à base de milho ou comprometerá a oferta de proteínas animais. A FAO declarou que seria conveniente que o país suspendesse a produção do etanol para compensar a falta de grãos no mercado e assim, tentar segurar a inflação.

O brasileiro José Francisco Graziano da Silva, diretor do órgão, defendeu a tese no jornal britânico Financial Times, e afirmou que a ONU vai retomar com urgência a discussão sobre biocombustíveis, para evitar uma crise de alimentos. “Espero que o produtor rural brasileiro, argentino e paraguaio, beneficiados agora com esta alta de preços, aplique esta renda extra em investimentos agrícolas de longo prazo, ou a situação ficará muito complicada para todo o

agronegócio”, diz. A última vez que uma seca foi tão severa e comprometeu a safra norte-americana foi em 1988.

---

## **A perda de alimentos amplia o "Custo Brasil". Adalberto Luis Val – Valor Econômico. 27/08/2012**

O Brasil está há pelo menos meia década em franca expansão econômica. Mas uma questão que ainda emperra o desenvolvimento e o crescimento é o chamado custo Brasil. Entre as questões colocadas por um investidor antes de aplicar o seu capital no país estão: os impostos são reduzidos? A mão de obra é barata? Os juros são baixos? Existe uma boa infraestrutura de transportes? A energia é abundante? Há informação científica robusta disponível? Há suporte técnico-científico para as atividades planejadas?

Porém, há um aspecto que também afeta a conta final do custo Brasil mas que é pouco abordado. É a questão da fome e do desperdício de alimentos. O Brasil está entre os dez países que mais desperdiçam comida no mundo. Se reduzisse essas perdas, o país poderia oferecer mais produtos para o mercado interno, barateando os preços, e também exportar mais. Ou seja, o mercado consumidor se beneficiaria de preços mais baixos, entrariam divisas e o gasto governamental com todo o sistema seria menor, podendo-se investir em outros setores, como educação, ciência, tecnologia, inovação e infraestrutura. Boa parcela do chamado custo Brasil poderia ser equacionada.

*Todos os alimentos não aproveitados ao longo da cadeia produtiva representam 1,4% do PIB brasileiro*

Órgãos governamentais e pesquisadores de entidades públicas e privadas se debruçam sobre o problema diariamente, com o intuito de encontrar soluções para os diversos gargalos que o circuito dos alimentos enfrenta no Brasil. E o esforço para vencê-los precisará ser grande. Cerca de 35% de toda a produção agrícola vai para o lixo. Pesquisas apontam que é na fase de colheita que ocorrem as maiores perdas e os motivos são diversos. Um exemplo é a falta de regulação, operação e manutenção adequadas das colheitadeiras ou equívocos na identificação do grau de maturação do produto. As dificuldades se repetem na pós-colheita. Falta infraestrutura na rede de armazenagem e no transporte da produção brasileira. Nessa fase, os estragos podem ocorrer tanto do ponto de vista físico como da qualidade do produto.

Na prática, isso significa que mais de 10 milhões de toneladas de alimentos poderiam estar na mesa de milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha da pobreza. Do total de desperdício no país, 10% ocorrem durante a colheita, 50% no manuseio e no transporte dos alimentos, 30% nas centrais de abastecimento e os últimos 10% ficam diluídos entre supermercados e consumidores. Por exemplo, segundo o IBGE, a estimativa é de que 67% das cargas brasileiras sejam deslocadas pelo modal rodoviário, o menos vantajoso para longas distâncias.

Entre os consumidores, os números também são alarmantes. Uma família brasileira desperdiça, em média, 20% dos alimentos que compra no período de uma semana. Em valores, isso representa US\$ 1 bilhão, dinheiro suficiente para alimentar 500 mil famílias. Na mesa do consumidor, a situação não é melhor. A Embrapa Agroindústria de Alimentos realizou uma pesquisa em que demonstra que o brasileiro joga fora mais alimentos do que efetivamente leva à mesa. Nas 10 principais capitais do país, o consumo anual de vegetais é de 35 quilos por

habitante. No entanto, o desperdício chega a 37 quilos por habitante ao ano, parte do qual relacionado à qualidade inicial do produto e parte relacionada a armazenamento inadequado.

Levantamento da Secretaria de Abastecimento e Agricultura do Estado de São Paulo, no final da década passada, mostra que todos os alimentos não aproveitados ao longo da cadeia produtiva representam 1,4% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, um rombo de R\$ 17,25 bilhões no faturamento do setor agropecuário. De acordo com a FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação), o Brasil deverá atingir a meta da Organização das Nações Unidas (ONU) de reduzir pela metade o número de famintos no país até 2015, de 13 milhões para 7 milhões. Sem dúvida, a redução do desperdício com uso otimizado dos produtos pode contribuir para que se atinja efetivamente essa meta.

Por outro lado, o país está ciente de que "ampliar a produção agrícola" não é o único fator da equação, e que segurança alimentar e nutricional é uma meta transversal, que envolve esforços múltiplos no campo da economia (enfrentar crises financeiras e flutuação de preços dos alimentos, por exemplo), da saúde (disseminar conhecimento sobre produção e consumo saudável), dos transportes e infraestrutura (melhorar a logística de distribuição) e da política (reduzir desequilíbrios sociais e regionais), entre outros. Cabe a todos nós fazermos a nossa parte.

Um esforço louvável no campo institucional é a criação, nos estados, de Observatórios Socioambientais em Segurança Alimentar e Nutricional. No Piauí, por exemplo, a Universidade Estadual, com apoio do Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea-PI), deverá criar nos próximos meses este instrumento. Mas o projeto, no âmbito nacional, conta com a participação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Os observatórios socioambientais realizarão um monitoramento das políticas públicas e avaliarão a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN) em todo o país.

A ideia é que todos os estados tenham um polo para gerir cada observatório de forma autônoma. A coordenação geral do projeto de implantação dos observatórios está a cargo Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estado cuja experiência de implantação servirá de base para a implantação da Rede de Observatórios nos demais estados.

Esse monitoramento vai gerar uma coleta de dados dos municípios que informam indicadores de produção e disponibilidade de alimentos; renda e condições de vida; acesso à alimentação adequada e saudável; saúde, nutrição e acesso a serviços relacionados; educação, programas e ações relacionadas a segurança alimentar e nutricional.

Adalberto Luis Val é diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA/MCTI) e membro do Conselho de Administração da Fundação Bunge.

---

## **Estrangeiros conhecem sistema de segurança alimentar e nutricional do Brasil – Site do MDS. 28/08/2012**

*Nove países participam do IV Seminário Internacional Políticas Sociais para o Desenvolvimento, promovido pelo MDS*

Representantes de nove países estão participando em Brasília do IV Seminário Internacional Políticas Sociais para o Desenvolvimento, promovido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), na Escola Nacional de Administração Pública (Enap). A experiência brasileira de combate à fome foi apresentada às delegações internacionais.

A secretária nacional de Segurança Alimentar e Nutricional do MDS, Maya Takagi, explica que a experiência brasileira é muito presente nos países em eventos internacionais. “A pergunta é sempre: como vocês conseguiram?”. Segundo ela, em eventos como o seminário, a ideia é esclarecer a construção das políticas. Na avaliação de Maya, o modelo brasileiro nunca poderá ser 100% replicado, pois cada país tem sua realidade. No entanto, segundo ela, conhecer o processo dessas políticas, os acertos e dificuldades, pode ajudar outros governos a avaliar o que funcionaria em sua realidade.

Maya apresentou nesta segunda-feira (27) o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, explicando aos estrangeiros que a política envolve um conjunto de ministérios e não apenas o MDS. Destacou ainda a mudança na política de segurança alimentar e nutricional, que passou a ser descentralizada desde o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e que hoje estados, municípios e União estão comprometidos com a questão.

Como parte do sistema, foram apresentados os programas de Aquisição de Alimentos (PAA) e Nacional de Alimentação Escolar (Pnae). Durante as palestras, as delegações interessaram-se, sobretudo, pela relação entre os entes federados e as interfaces dos programas.

A assessora do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) Débora Santos explicou que, por meio do Pnae, todas as escolas públicas recebem merenda escolar e que a responsabilidade do fundo é o recurso para a compra do alimento, tendo mão de obra e equipamentos como contrapartida de estados e municípios. Disse ainda que 30% das compras do programa têm de vir da agricultura familiar.

Maya explicou que a adesão à política se dá pelos estados, que pactuam com a União, enquanto os municípios pactuam com os estados.

À tarde, as delegações conheceram também o Sistema Público Agroalimentar, composto por Restaurantes Populares, Cozinhas Comunitárias, Bancos de Alimentos e unidades de apoio à distribuição de alimentos da agricultura familiar. Aprenderam também sobre acesso à água, por meio do programa de cisternas.

O seminário vai até quinta-feira (30). Durante quatro dias, os técnicos de países da África, Ásia, Américas e Caribe vão ouvir palestras sobre o Sistema Único de Assistência Social (Suas), o Programa Bolsa Família, o Sistema de Monitoramento e Avaliação de Promoção e Proteção Social do Brasil e o Plano Brasil Sem Miséria.

Outra atividade das delegações será visitar uma propriedade de agricultores familiares em Planaltina, o Restaurante Popular e o Centro de Referência de Assistência Social (Cras) do Riacho Fundo I.

---

**Aportes em fertilizantes deverão somar US\$ 18,9 bi até 2017. Carine Ferreira – Valor Econômico. 28/08/2012**

Empresas de fertilizantes que atuam no Brasil deverão investir US\$ 18,9 bilhões até 2017, segundo levantamento da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda). Os projetos estão em diferentes estágios e alguns deles contemplam também aportes brasileiros em outros países. É o caso do projeto Rio Colorado, da Vale Fertilizantes, que será implementado na Argentina, com 70% do volume produzido de cloreto de potássio voltado para abastecer o Brasil.

O montante previsto é 45,4% superior aos US\$ 13 bilhões estimados em 2011 para o mesmo período e são significativos diante dos aportes mundiais previstos pela IFA (Associação Internacional da Indústria de Fertilizantes) - US\$ 88 bilhões nos próximos cinco anos, em 254 projetos. A Anda, que promoveu ontem em São Paulo o 2º Congresso Brasileiro de Fertilizantes, acredita que a cada cinco projetos do segmento no mundo, um é brasileiro.

Apesar da previsão de mais investimentos, a entidade acredita que eles não serão suficientes para reduzir de forma significativa a dependência de importações, que hoje representam cerca de 70% da demanda nacional. "Se os investimentos são grandes ou pequenos, precisamos ver o que será para daqui a dez, 15 anos, quando nossa curva de demanda estará maior", diz David Roquetti Filho, diretor-executivo da Anda. George Wagner Bonifácio e Sousa, presidente da Ama (Associação dos Misturadores de Adubos do Brasil) e vice-presidente do conselho de administração da Anda, afirma que essa "curva" continua apontando para a dependência da importação.

A Anda também projeta que a produção brasileira dos nutrientes NPK (nitrogênio, fósforo e potássio) deve sair de 3,425 milhões de toneladas, em 2012, para 9,353 milhões em 2017 - um salto de 173,1%. Já a demanda nacional por estes produtos tende a crescer 20,8%, de 12,198 milhões de toneladas para 14,732 milhões daqui a cinco anos.

Porém, os números da demanda mundial não estão precisamente estimados, pois a seca nos Estados Unidos e o clima adverso em outros países vão mudar as projeções divulgadas pela IFA em maio. Uma nova projeção deve sair em outubro, segundo Luc Maene, diretor-geral da IFA. "O crescimento de 6% previsto para o potássio não vai acontecer", disse o dirigente. Ele acrescentou que o nutriente nitrogênio deve ter aumento de 1,5% a 2,5% ao ano, mas o fosfato e potássio são mais voláteis e o uso depende muito da situação econômica.

Apesar de não falar em perspectivas de preços para os adubos no mercado internacional, a IFA assegurou que a indústria do setor investiu desde 2008 US\$ 40 bilhões e que deve fazer aportes de mais de US\$ 80 bilhões até 2015 na elevação da capacidade de produção.

Maene apontou a nanotecnologia como um das "promessas" para reduzir perdas na produção de fertilizantes. Ele espera resultados em cinco anos. E observa a necessidade de a indústria se preparar para desenvolver novos produtos de forma sustentável. "A indústria de fertilizantes trabalha para reduzir sua pegada ambiental", disse.

---

### **Preços globais dos alimentos avançam 10% em julho e devem seguir em alta – Site da CNA. 31/08/2012**

O preço global dos alimentos deve seguir em alta nos próximos meses, depois do avanço de 10% em julho, segundo dados divulgados pelo Banco Mundial. Ontem, a Rússia informou que terá menos trigo para abastecer o mercado doméstico e externo e a Ucrânia indicou que sua

safras de grãos será menor em função da seca que afeta áreas produtoras no leste da Europa e nos Estados Unidos.

Em comunicado, o Banco Mundial pediu aos governos que ofereçam apoio aos programas que protegem as populações mais vulneráveis. De junho a julho, os preços do milho e do trigo subiram 25% cada, os preços da soja ganharam 17%, e apenas os preços do arroz caíram 4%.

De modo geral, o índice de preços dos alimentos do Banco Mundial, que acompanha os preços de commodities negociadas internacionalmente, estava 6% acima do registrado em julho do ano passado, e 1% acima do pico anterior, de fevereiro de 2011.

"Não podemos permitir que essas altas históricas de preço se tornem uma vida de riscos, uma vez que as famílias tiram as crianças da escola e comem menos alimentos nutritivos para compensar os altos preços", disse Jim Yong Kim, presidente do banco.

"A África e o Oriente Médio são particularmente vulneráveis, mas também o são as pessoas em outros países onde os preços dos grãos subiram de forma brusca", acrescentou Kim. A severa seca nos Estados Unidos reduziu a produtividade do milho e da soja este ano, enquanto um seco verão na Rússia, Ucrânia e Cazaquistão afetou a produção de trigo.

O Banco Mundial disse que não projeta repetição de 2008, quando o aumento dos preços dos alimentos estimulou revoltas. "No entanto, fatores negativos - um El Niño severo, baixas safras no Hemisfério Sul ou aumento de preços de energia - podem causar aumentos ainda maiores", disse o banco.

### **Rússia e Ucrânia**

A Rússia, afetada pela seca, terá menos trigo para abastecer os mercados domésticos e externos nesta temporada. Andrei Sizov Sr., chefe executivo da consultoria SovEcon, disse que a oferta total da Rússia deverá ser cerca de 9 milhões de toneladas menor que no ciclo 2010/2011, devido à combinação de safra e estoques menores. O SovEcon cortou a previsão para a safra de trigo para 38 milhões de toneladas.

Já as exportações de grãos da Ucrânia poderão cair para cerca de 20 milhões de toneladas na temporada 2012/2013, de acordo com o governo. Serão destinados ao mercado externo 4 milhões de toneladas de trigo, 3 milhões de toneladas de cevada, 12,4 milhões de toneladas de milho e 734 mil toneladas de outras safras podem ser exportadas na atual temporada, sem prejuízo para o mercado doméstico.

---

### **Ministério Público investiga uso excessivo de agrotóxico em Mato Grosso – Site do MST. 31/08/2012**

Das 242 pessoas com deficiência cadastradas pelos agentes de Saúde do município de Campo Verde, 122 possuem menos de 18 anos. Os dados despertaram a atenção do Ministério Público que irá investigar se os números podem ou não ter relação com o uso indiscriminado de agrotóxico na região.

De acordo com o promotor de Justiça Marcelo dos Santos Alves Correa, além do levantamento sobre o número de pessoas com deficiência, também serão verificados aspectos relacionados às condições em que essas pessoas vivem, se estão tendo acesso à educação, à saúde, entre outros direitos. "Pretendemos, também, fazer um levantamento sobre a situação dos idosos", ressaltou o promotor de Justiça.

Segundo ele, o trabalho, que faz parte do projeto 'Jornada da Inclusão', desenvolvido pela Procuradoria de Justiça Especializada na Defesa da Cidadania em parceria com as Promotorias de Justiça, engloba, também, ações voltadas para acessibilidade. O promotor adiantou que, após intervenção do Ministério Público, a administração municipal de Campo Verde se comprometeu a fazer um levantamento dos terrenos existentes para elaboração de um cronograma de construção de calçadas. Foi constatado que 65% da população do município não sabem o que é acessibilidade. Os alunos concluíram que já existem alguns avanços no município, mas muita coisa ainda precisa ser feita em relação ao tema

---

### **Agrotóxicos contaminam rios do Pantanal e agride biodiversidade – Site do MST. 31/08/2012**

O Pantanal Mato-grossense está cada dia mais prejudicado devido ao uso de agrotóxicos nas lavouras. A região, que desempenha um papel importante na conservação da biodiversidade, sofre com os resíduos de pesticidas no leito de rios, córregos, fundo de cachoeiras e lagoas no curso das águas.

A situação foi detectada por pesquisadores da Universidade Federal do Mato Grosso e da Embrapa Pantanal. Isso porque o Mato Grosso é o maior produtor de grãos do país e ao mesmo tempo em que produz em larga escala, o Estado aumenta a quantidade de venenos para conter as pragas.

O MT também lidera o consumo nacional de pesticidas, sendo o Brasil o país que mais usa agrotóxicos no mundo. Para se ter uma ideia, só na safra 2010/2011 foram utilizados 936 mil toneladas de agrotóxicos em plantações nacionais. A situação é preocupante para os órgãos de saúde e alimentação.

“Veneno, como o próprio nome diz, é feito para matar. A linha entre matar a erva daninha e a saúde das pessoas é tênue. O crescimento do uso de agrotóxico é muito maior do que imaginávamos e o país não pode abrir mão do direito de restringir o uso ou banir” afirmou José Agenor Álvares, diretor de controle e monitoramento sanitário da Anvisa, ao Globo.

A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), desde 2008, tenta normatizar o uso de agrotóxico no país. Cinco produtos já foram tirados de circulação, mesmo assim alguns deles continuam a ser usados de forma ilegal.

Apesar de serem minoria no mercado, os produtos biológicos, que são menos agressivos à saúde humana, são incentivados pelo Ministério da Agricultura. De 1.537 marcas de produtos químicos, apenas 72 se enquadram na classificação dos menos prejudiciais à saúde humana.

---

### **Preços globais sobem 10%, diz Banco Mundial – Folha de São Paulo, Mercado. 31/08/2012**

As altas nas Bolsas de commodities chegaram aos consumidores. Os preços globais dos alimentos subiram 10% em julho, segundo relatório divulgado ontem pelo Banco Mundial. Milho e trigo subiram 25% cada um, enquanto a soja avançou 17% no período.

---

## **Horta comunitária promove inclusão social de beneficiários do Bolsa Família. André Luiz Gomes – Site do MDS. 31/08/2012**

*Em Paranhos, Mato Grosso do Sul, mais de 200 pessoas já participaram do projeto, que gera renda e alimentos saudáveis*

Há sete anos, os beneficiários do Bolsa Família em Paranhos (MS) conseguiram um novo meio de obter sustento e ter comida na mesa: a horta comunitária organizada pelo Centro de Referência de Assistência Social (Cras) do município. Nesse período, mais de 200 pessoas já participaram do projeto. Atualmente, todo o processo, da preparação da terra até a venda, é tocado por 30 pessoas – na maioria, donas de casa.

Paranhos fica a 469 quilômetros da capital, Campo Grande, e tem população de mais de 12 mil habitantes. Segundo a dona de casa Santa Vera, 33 anos, as oportunidades de trabalho são difíceis na cidade. “Para quem não tem estudo nem experiência é complicado encontrar emprego.”

Para ter direito às verduras e hortaliças, o beneficiário deve trabalhar no mínimo quatro horas por semana na horta. Santa Vera sempre fica mais tempo no local porque gosta do trabalho.

Com a supervisão de um engenheiro agrônomo da prefeitura, o espaço é cuidado todos os dias pelos beneficiários. A horta comunitária tem variedade de produção: couve, alface, agrião, salsa, cebolinha, pimenta, jiló, rúcula e cenoura.

A população vai direto ao Cras ou à horta – espaço de aproximadamente 500 metros quadrados cedido pela prefeitura – e compra fichas de R\$ 1,50, que equivalem a um produto ou ao quilo dele.

**Vendas** – Quando o produto é vendido no Cras, o valor é revertido em investimentos na horta. Se for comercializado diretamente na horta, os trabalhadores dividem o ganho. Além disso, os beneficiários que trabalham na lavoura também podem levar as verduras para casa ou ainda vender para o comércio local.

Santa Vera tem conseguido levar dinheiro para casa com esse trabalho. Ela vende com frequência as hortaliças para comerciantes e vizinhos. Com isso, ganha entre R\$ 50 e R\$ 100 por semana.

A horta comunitária melhorou a vida de Sandra Vera e de sua família. “Minha vida mudou porque tenho uma ocupação e consigo usar o dinheiro que ganho com a horta para fazer comprinhas para casa, pagar a água, a luz e até comprar roupas para minhas filhas.”

De acordo com André Luiz Filho, coordenador do Cras Vila Nova, em Paranhos, o objetivo do projeto é trazer as pessoas da comunidade para o convívio. “Tirá-las de casa e ter um momento para conversar, discutir e se informar”. Ele garante que os beneficiários gostam de participar do grupo. “Eles se sentem valorizados e habilitados a produzir alguma coisa.”

Desde 2003, o MDS já assinou 178 convênios para hortas comunitárias em todo o país. Nesse período, foram investidos mais de R\$ 40 milhões, beneficiando cerca de 74 mil pessoas. Segundo o coordenador-geral de Agricultura Urbana e Periurbana da Secretaria Nacional de



Segurança Alimentar e Nutricional do MDS, Hélio Rocha, a iniciativa permite a inclusão social de vulneráveis, com acesso à alimentação saudável, à geração de renda e ao resgate da autoestima.

---

### **As multinacionais e suas responsabilidades na crise alimentar. Silvia Ribeiro – Site do MST. 29/08/2012**

Como serpente que morde a própria cauda, o sistema alimentar industrial – que é o principal causador das mudanças climáticas globais -, sacode-se pela perda das colheitas devido à intensa seca nos Estados Unidos. Em algumas áreas, embora haja colheita, ela não pode ser usada porque, por falta de chuvas, as plantas não processam os fertilizantes sintéticos e se tornam tóxicas para o consumo. Tudo está relacionado ao mesmo sistema industrial: sementes uniformes e sem biodiversidade, com agrotóxicos e fertilizantes sintéticos, com alto uso de transportes, energia e petróleo – e portanto com alta emissão de gases de efeito estufa -, e controlado por multinacionais.

No caso do milho, a escassez se exacerba por que 40% da produção nos Estados Unidos são destinadas ao etanol, ou seja, para alimentar carros em vez de gente.

Ao serem os Estados Unidos um dos principais exportadores mundiais de milho, soja e trigo, juntamente com o fato de que 80% da distribuição mundial de cereais está nas mãos de quatro multinacionais, que gerenciam o abastecimento para obter mais lucros, a queda de produção nesse país tem efeito dominó sobre o mercado global, onde os preços dos alimentos estão disparados. Além dos grãos, sobem os preços das aves, suínos e reses, já que mais de 40% da produção de cereais do mundo é utilizada como forragem para a criação industrial confinada de animais. É outro absurdo do mesmo sistema agroindustrial, já que seria muito mais eficiente usar os cereais para alimentação humana e consumir menos carne, ou que as criações fossem em pequena escala com forragens diversificadas. A criação industrial confinada e massiva de animais é, além de tudo, a origem de epidemias como a gripe suína e aviária, que por sua vez geram escassez e aumento de preços, como temos visto recentemente no México, com o aumento do preço dos ovos por um surto de gripe aviária.

Os que mais sofrem com os aumentos de preços são os mais pobres, principalmente os urbanos, que usam 60% de sua renda na alimentação.

Pelo contrário, a vintena de multinacionais que controlam o sistema alimentar agroindustrial (da Monsanto à Wall Mart, passando por Cargill, ADM, Nestlé e algumas mais), as que controlam sementes e matrizes de criação, os agrotóxicos, a compra, a distribuição e o armazenamento de grãos (também para biocombustíveis), os processadores de carnes, alimentos e bebidas, assim como os supermercados, são os responsáveis pela crise, mas blindaram-se contra seus efeitos, transferindo os prejuízos para os pequenos produtores, aos consumidores e ao orçamento público. Para elas, o caos climático e a escassez não significam perdas, mas sim aumento de lucros, como acontece com as sementes, agrotóxicos e fertilizantes que se tornam a vender, ou com as empresas que armazenam cereais e os açambarcam, especulando com eles, vendendo-os mais caros, ou com os produtos nos supermercados, cujos preços aumentam muito mais do que a proporcão no início da cadeia.

O caso do milho no México é ilustrativo. Apesar de os agricultores do norte do país afirmarem ter dois milhões de toneladas para vender, recentemente foram importadas 1,5 milhões de

toneladas (transgênicas) dos Estados Unidos, e por outro lado, serão vendidas 150 mil toneladas a El Salvador e outra partida à Venezuela. Anteriormente, tinham sido compradas meio milhão de toneladas da África do Sul. Absurdo para o clima, pelos transportes desnecessários, e brutal contra a produção nacional. Questionado, o Secretário de Economia, Bruno Ferrari (anteriormente funcionário da Monsanto), lavou as mãos, alegando que era uma decisão de empresas privadas.

Na realidade, como explica Ana de Ita, do Centro de Estudos para el Campo Mexicano (Ceccam), ocorre que no contexto das políticas para liberalizar a produção agrícola nacional, que precederam a assinatura do TLCAN (Tratado de Livre Comércio da América do Norte – N. do T.), desmantelou-se a semi-estatal Companhia Nacional de Subsistências Populares (Conasupo), que equilibrava o comércio interno de milho, entregando o mercado interno às multinacionais – empresas como Cargill, ADM, Corn Products International, juntamente com grandes criadores suínos, avícolas e processadores industriais de “tortillas”. Estas compram a quem mais lhes convenha, seja por que é mais barato ou por outras razões, como comprar de agricultores com os quais tem contratos de produção nos Estados Unidos.

Esse tipo de empresas – e seus ex-funcionários no governo, como Ferrari – são as que afirmam que é necessário importar milho, porque a produção nacional não é suficiente. Contudo, nos últimos o México tem produzido, nos últimos anos, em torno de 22 milhões de toneladas anuais, com o consumo humano em torno das 11 milhões de toneladas anuais. São usadas em derivados industriais outras 4 milhões de toneladas, restando ainda 7 milhões. Contudo, as empresas importam de 8 a 9 milhões de toneladas anuais adicionais, por que são usadas 16 milhões de toneladas anuais na criação industrial em massa de aves e suínos – também de grandes empresas.

Se a criação fosse descentralizada e com forragens diversas, haveria produção suficiente, sem epidemias e sem milho transgênico de multinacionais, e muito mais fontes de trabalho local. A importação de milho não é necessária ao México, pois é simplesmente um negócio entre multinacionais, permitido e subsidiado pelo governo.

Se as políticas públicas protegessem a produção agrícola e a pecuária diversificada e em pequena escala, com sementes próprias e públicas nacionais, os riscos, - inclusive os climáticos -, teríamos produção alimentar suficiente, acessível e de muito melhor qualidade.

Silvia Ribeiro é pesquisadora do Grupo ETC.

*\*Tradução do espanhol: Renzo Bassanetti*

---

### **Pepe Vargas destaca Mais Alimentos como indutor do desenvolvimento no campo – Site do MDA. 29/08/2012**

“As empresas que buscam inovações tecnológicas e que fornecem para a agricultura familiar tem um amplo mercado pela frente”. A afirmação do ministro do Desenvolvimento Agrário, Pepe Vargas, feita durante a entrega do 30º Prêmio Gerdau de Melhores da Terra reforçou a importância do Programa Mais Alimentos para a disponibilização de crédito para a compra de máquinas e implementos agrícolas.

A entrega dos prêmios ocorreu na tarde desta quarta-feira (29), em Sapucaia do Sul, região metropolitana de Porto Alegre, e integra o calendário da Expointer 2012.

A premiação, que visa estimular o setor de máquinas agrícolas, neste ano, contemplou as indústrias que vendem para a agricultura familiar e a de escala (empresarial). No evento, Pepe Vargas mencionou as vantagens do Programa Mais Alimentos, como a taxa de juros de 2% ao ano, com até 10 anos para pagar, com três anos de carência. Segundo o ministro, desde 2008, a linha de crédito foi responsável pela venda de mais de 48 mil tratores e mais de 10 mil ordenhadeiras, entre os mais de 3,6 mil itens financiáveis. “Estas empresas merecem esta homenagem como incentivo para que continuem produzindo com ousadia, e contribuam para aumentar a produtividade e a renda dos agricultores familiares”, enfatizou.

Pepe Vargas destacou alguns números da agricultura familiar que endossam a importância do setor no contexto agropecuário brasileiro. Pepe lembrou que 84% dos estabelecimentos agropecuários e 74% da mão de obra no campo são da agricultura familiar.

### **Prêmio incentiva novas tecnologias e produtividade**

---

Criado há 30 anos, o Prêmio Gerdau Melhores da Terra acompanha a indústria de máquinas e equipamentos agrícolas e aponta os equipamentos mais modernos e eficientes do setor. Como consequência, incentiva o desenvolvimento de novas tecnologias para a agricultura do Mercosul. O objetivo é o reconhecimento para as empresas que investem em qualidade, inovação tecnológica, sempre com foco na produtividade e em soluções para o campo, tanto na agricultura familiar, quanto empresarial.

---

O prêmio também estimula a comunidade acadêmica e o setor agroindustrial para a pesquisa, contribuindo para a geração e desenvolvimento de novas tecnologias e o aprimoramento dos equipamentos.

---

### **Governo africano busca know how brasileiro em abastecimento – Site da CONAB. 30/08/2012**

O governo de Gana veio buscar, no Brasil, conhecimento nas áreas de produção, armazenagem, distribuição e comercialização de alimentos. Nesta quinta-feira, uma delegação do país africano conheceu os programas brasileiros voltados à segurança alimentar e nutricional e de apoio à agricultura familiar operacionalizados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

A reunião com o presidente, Rubens Rodrigues dos Santos, e diretores da companhia contou com a presença de representantes do Programa Mundial de Alimentos (PMA).

Um dos destaques da apresentação foi o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e a sua utilização na alimentação escolar do Brasil.

O presidente chamou atenção para ações de impacto social como a Política de Garantia de Preços Mínimos, que assegura remuneração aos produtores, a aquisição de produtos da agricultura familiar e o atendimento a populações em situação de insegurança alimentar através da distribuição de cestas básicas. "O Brasil privilegia a compra de produtos da agricultura

familiar para merenda escolar. Assim, promove transferência de renda e reafirma a vocação nutricional das diferentes regiões do país", afirmou.

O governo de Gana está em fase de implementação de uma empresa semelhante à Conab, criada em 2008 com o objetivo de garantir renda mínima, melhorar o desperdício das colheitas, garantir sistema de estocagem para regulação de preços, gerenciar um programa nacional de segurança alimentar e comprar, vender, armazenar e distribuir alimentos. Após pesquisa em diferentes países, os africanos identificaram a Conab como modelo para essas áreas de atuação.

Ao final do encontro de trabalho ficou acertada a vinda de uma missão técnica de Gana para conhecer, detalhadamente, o trabalho da Conab junto às cadeias de milho, arroz e soja.

---

**Coordenador**  
Sergio Leite

**Pesquisadores**

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,  
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo,  
Georges Flexor, Jorge Romano, Lauro Mattei,  
Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal,  
Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

**Assistentes de Pesquisa**

José Renato S. Porto, Karina Kato,  
Valdemar João Wesz Junior

**Secretária**  
Diva de Faria

**op**  
**pa** **Observatório de Políticas**  
**Públicas para a Agricultura**

**CPDA** Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais  
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade  
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar  
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa

---